

Anderson Machado Silveiro • Cátia Gabrieli Fernandes Fagundes Ibias • Fábio de

• Augusto Stevanin • Deise Luana Rosa Bastos • Joice Balbuena Iribaren • Vitor Carneiro Marinho Prado •

Oliveira Félix • Géverton Bittencourt dos Santos • Lucas Rovira Mairesse • Maria Gonçalves dos Santos •

A CHAVE PARA O FUTURO

ORGANIZADORA
Juçara Benvenuti



Tailene Santos Bernardes • Mônica Langoni • Maria Soely Fernandes • Soeli Pacheco da Silva

UFRGS, 2017

CAPA: Brunno W. Ramos

Revisão do texto: Joice Balbuena Irribarem, Vítor Carneiro Marinho Prado e Juçara Benvenuti

Editoração eletrônica:

SEAD/UFRGS

FICHA DE CATALOGAÇÃO

C512 A chave para o futuro [recurso eletrônico] / org. Juçara Benvenuti ;
prefácio de Clevi Elena Rapkiewicz; apresentação de Juçara Benvenuti e
Soeli Pacheco da Silva; posfácio de Rúbia Vogt -- Porto Alegre -- 2016.

76 p.: il. ; e-book

1. EJA 2. Produção textual - EJA 3. Língua portuguesa - Ensino
4. Projeto de investigação - EJA 5. Generalidades - Produção textual
I. Benvenuti, Juçara, org. II. Colégio de Aplicação/Ufrgs

CDU: 82-9

Catálogo: Aglaé Castilho Oliva CRB/10 814

ISBN: 978-85-9489-046-7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A CHAVE PARA O FUTURO

Juçara Benvenuti, Dr^a (Organizadora)



Sumário

PREFÁCIO	4
APRESENTAÇÃO	6
1. UMA LUTA HISTÓRICA.....	10
2. A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS	20
3. AUTORIA NA EJA: TEXTO E MÍDIA	33
4. O CAMINHO PARA O AUTOCONHECIMENTO	59
CONCLUSÃO	73
POSFÁCIO.....	75

PREFÁCIO

Clevi Elena Rapkiewicz¹

Este *e-book* é de **autoria** de um dos atores fundamentais do processo de ensino e aprendizagem – alunos. Destaco este termo porque dar voz a estes sujeitos, valorizá-los, significa torná-los pessoas ativas no processo educativo e não apenas tratá-los como receptores de conteúdos e materiais prontos, permitir sua expressão, sua produção é garantir sua autoria.

Alunos na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) têm suas peculiaridades. Entre elas, o fato de trazerem consigo experiências variadas em diferentes esferas de socialização como a família e os relacionamentos de amizade, mas sobretudo experiências vividas no mundo do trabalho. O resgate da trajetória desse público através da produção textual os torna autores de sua própria história e tem sido, em certa medida, abordado em estratégias pedagógicas do componente curricular de Língua Portuguesa. Porém, na atual sociedade em que vivemos, a assim chamada Sociedade da Informação, na qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm presença cada vez mais marcante, só a produção textual não é mais suficiente.

As características atuais das tecnologias digitais ao mesmo tempo em que facilitam a autoria trazem consigo dificuldades para o público-alvo da EJA. Se estes já apresentam certa dificuldade no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita textual, o que dizer de outras mídias? Público em sua maioria de imigrantes digitais, isto é, que não nasceram numa época já impregnada de celulares, computadores, redes interligando tudo, não podem ser esquecidos, no entanto, como potenciais autores. Porém, é o que parece acontecer, pelo menos em levantamento bibliográfico de literatura de pesquisa recente sobre o uso de TIC na EJA, ao mostrar o uso insipiente de recursos digitais nessa modalidade de educação (WEIHMANN *et al*, 2015)

No Colégio de Aplicação da UFRGS, desde o ano de 2013, é desenvolvido um projeto integrando ensino, pesquisa e extensão, voltado para o desenvolvimento da autoria dos alunos da EJA. Ampliando o letramento voltado para leitura e escrita textual, promovido desde antes no

¹ Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação. Graduada em Processamento de Dados e Pedagogia. Professora de Cultura Digital da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: clevi.capufrgs@gmail.com

componente curricular da Língua Portuguesa, introduziu-se o letramento multimodal através de ações integradas desse componente curricular com Cultura Digital, Teatro e Música.

Ao longo de três semestres, os alunos vivenciam diferentes oportunidades de desenvolvimento de letramento em outras mídias, além da textual – imagem, áudio, vídeo. Busca-se o desenvolvimento de duas habilidades, de ‘leitura’ e ‘escrita’ nessas mídias, promovendo o letramento multimodal. Usamos aspas para enfatizar que o sentido dessas habilidades, quando associadas às diferentes mídias, é a ampliação das potencialidades enunciativas da linguagem oral e escrita no mesmo sentido que a linguagem escrita acentuava as potencialidades da linguagem oral (GEE; HAYES, 2011).

Nesse contexto, os alunos da EJA do CAP interpretam e analisam diferentes gêneros como histórias em quadrinhos, imagens dinâmicas e estáticas, *podcasts* e outras produções sonoras, vídeos de diferentes naturezas. Desenvolvem habilidade de busca e localização na internet de produções em mídias digitais de todos os tipos, desenvolvendo-se como *consumidores* de informação pronta. Mas, sobretudo, são estimulados a desenvolverem a autoria em diferentes mídias tornando-se também **autores**.

REFERÊNCIAS

WEIHMANN, G.; SILVA, L.; PLÁ, J. B.; RAPKIEWICZ, C. Integrando tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos: análise de publicações no Brasil. *Congresso Brasileiro de Informática na Educação – Workshop de Informática na Escola*, Maceió, 2015. Disponível em <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/5090>. Acesso em 01 dez 2016.

GEE, J. P.; HAYES, E. *Language and Learning in the digital age*. London and New York: Routledge, 2011.

APRESENTAÇÃO

Juçara Benvenuti²
Soeli Pacheco da Silva³

Muitos têm sido os problemas enfrentados pela educação brasileira em quinhentos anos de história. Neste livro, vamos fazer um recorte nos envolvendo com o tema relacionado à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Erradicar o analfabetismo, garantir o sucesso escolar e a permanência desses jovens e adultos na escola são as metas que a sociedade brasileira gostaria de alcançar, mas para que haja efetivo alcance desses objetivos, são necessárias ações específicas para este público, como também a preparação e o comprometimento dos professores e dos gestores.

A trajetória histórica da EJA nos faz perceber a permanente busca do tempo perdido, do fato da pouca ou nenhuma frequência à escola, deixando de questionar os motivos reais pelos quais estes sujeitos foram excluídos da educação no tempo e idade apropriados, ocultando alguns dos pontos cruciais, como a reprovação, a evasão e o fracasso presentes na escola básica, o sistema social que os obriga a ir para o mercado de trabalho, muitas vezes precocemente, as políticas públicas ineficientes e o despreparo dos professores que atendem a este segmento de ensino.

Uma pesquisa, mesmo que simples, em qualquer época, incluindo as primeiras mobilizações para alfabetização na época do Brasil Império ou cursos para EJA atuais, aponta facilmente para a questão emblemática de que a heterogeneidade das turmas de EJA compreende muito mais do que a faixa etária, questão que por si só já requer um estudo. Outros aspectos importantes perpassam as salas de aula dos jovens e adultos, como as condições socioculturais e econômicas, as relações dos indivíduos com o mundo do trabalho, além de fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero.

Além disso, cabe ressaltar que estes sujeitos são adultos ou jovens que procuram os estudos pelas mais diversas razões. Eles voltam à escola porque querem mais do que terminar o ensino básico; isto é apenas uma parte dos seus objetivos. O término do Ensino Médio “é uma ponte” para chegar a outros objetivos maiores, nas palavras de Tatiana Mércio, ex-aluna

² Doutora em Linguística Aplicada. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação/UFRGS. Orientadora do Projeto de Investigação que elaborou o E-book: *A Chave para o Futuro*. E-mail: benvenuti@ufrgs.br

³ Aluna da turma EM3 da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS, segundo semestre de 2016. E-mail: soelipachecosilva@gmail.com

da EJA. Eles pretendem alcançar a realização do sonho de se formar, querem contribuir com maior eficiência na formação dos filhos, pretendem acabar com a ameaça do desemprego pela baixa escolarização, esperam achar novas respostas para seus conflitos e dificuldades, entrar para o ensino superior.

Assim, entendemos que o papel da escola é propiciar aos alunos de EJA as condições necessárias para seu retorno e sua permanência até a conclusão dos estudos. Especialmente se levamos em conta que estes indivíduos podem estar afastados do colégio há muito tempo. No Colégio de Aplicação já tivemos vários casos de alunos que estavam afastados dos bancos escolares há mais de 25 anos.

No entanto, lembramos que, com as reformas educacionais acontecidas ao longo da história brasileira, a EJA também passou por mudanças significativas em relação a todos os aspectos relacionados a sua estrutura e funcionamento. Mais recentemente as recomendações das leis, resoluções e decretos trouxeram indicativos para que os professores trabalhassem o currículo com base na valorização da diversidade cultural dos saberes que os alunos trazem consigo ao retornar à escola ou chegar a ela pela primeira vez. Desta forma, os excluídos do sistema educacional por motivos diversos podem voltar sentindo-se participantes do universo escolar.

A EJA do Colégio de Aplicação/UFRGS tem uma proposta que permite aos professores ousarem oferecer a seus alunos um espaço inusitado de pesquisa para construção de conhecimento e desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Através de uma disciplina de caráter eletivo, os professores apresentam várias alternativas ao grupo de alunos no início de cada semestre. O compromisso do aluno é realizar uma pesquisa em consonância com a temática escolhida, de acordo com a orientação e apoiado nos referenciais sugeridos pelo professor/orientador, apresentá-la no final do semestre de forma oral e escrita para ser avaliado.

A disciplina é chamada Projeto de Investigação (PI), tem horário semanal, equivalente a dois períodos de aula, se propõe a realizar uma pesquisa de caráter científico e a cada semestre as propostas temáticas variam. Uma das alternativas oferecidas aos alunos para o segundo semestre de 2016 foi a construção de um e-book, que é um livro em suporte eletrônico, especialmente criado para divulgar um conteúdo específico.

Formaram o grupo de alunos do PI “Construção de um E-Book” os seguintes alunos da EJA do CAp/UFRGS: Anderson Machado Silveiro, Cátia Gabrieli Fernandes Fagundes Ibias, Fábio de Oliveira Félix, Géverton Bittencourt dos Santos, Lucas Rovira Mairesse, Maria

Gonçalves dos Santos, Maria Soely Fernandes, Mônica Langoni, Soeli Pacheco da Silva e Taliane Santos Bernardes. Também fizeram parte do grupo os alunos da graduação da UFRGS Augusto Stevanin, Deise Luana Rosa Bastos, Joice Balbuena Iribaren, Nathalia Pinheiro, Vitor Carneiro Marinho Prado. A professora Juçara Benvenuti foi a orientadora do processo de produção e responsável pela disciplina na escola.

Para a realização do livro, a professora, que em semestres anteriores já vinha trabalhando com gêneros textuais em diferentes suportes (portfólios, fanzine, jornal), sugeriu que fossem privilegiados ensaio, resenha, memórias, entrevista e outros gêneros já produzidos pelos alunos, integrando os capítulos do livro de forma variada demonstrando as produções discentes. Desta forma, a construção do conhecimento perpassou todos os segmentos envolvidos, pois o trabalho atingiu os alunos da EJA, assim como envolveu alguns graduandos (bolsistas da UFRGS) que acompanharam o grupo do PI, contribuindo com a fundamentação teórica do texto e apoio à escrita, como revisão gramatical e ortográfica.

Foi necessário dividir as tarefas e trabalhar em pequenos grupos com a finalidade de agilizar a produção, pois tínhamos apenas um semestre letivo para criar um livro. Além disso, era preciso realizar pesquisa de caráter científico, registro escrito e discussões coletivas para tomar as decisões em grupo. Destacamos ainda, que o fato da disciplina ter horário fixo garantiu o encontro de todos, orientadora, graduandos, alunos da EJA, no mesmo horário todas as semanas, o que era uma das premissas do trabalho dos PIs.

Na primeira aula organizamos a estrutura geral do livro e formamos os grupos para esquematizar o conteúdo das partes do livro. Optamos por fazer quatro capítulos em que dois alunos da EJA trabalhariam com um bolsista, perfazendo oito alunos da EJA e quatro da graduação (uma aluna da graduação teve alteração na bolsa e entrou outra, por isso temos dois nomes de graduandas no mesmo grupo) e os outros dois alunos trabalhariam com a professora na preparação da apresentação e outras demandas que surgissem como folha de rosto, sumário, conclusão, encaminhamentos da capa, ficha de catalogação, etc.

Também convidamos outros professores do grupo da EJA para escrever o Prefácio e o Posfácio. O primeiro é escrito pela professora Clevi Elena Rapkiewicz, que ministra Cultura Digital para a EJA no CAp. O prefácio tem o objetivo de qualificar o livro e trazer argumentos sobre a integração do e-book como suporte do texto apresentado e como referência de um dos capítulos escritos, o qual mostra os trabalhos multimodais dos alunos. Já o posfácio é escrito pelos professores Rubia Vogt e Vanderlei Machado da área de Ciências Humanas, especificamente de Filosofia e História, porque agregam uma visão de pensamento qualificada,

uma vez que dois capítulos do livro tratam da história da EJA e da construção dos projetos de EJA no CAp, passando pelos marcos filosóficos e sociológicos.

O miolo do livro é formado por quatro capítulos escrito pelos alunos, auxiliados pelos bolsistas. O primeiro capítulo é de responsabilidade dos alunos Maria e Géverton, com apoio da Deise e da Joice; apresenta uma visão da História da EJA no Brasil, sob o título **Uma luta histórica**. O gênero textual escolhido para fundamentar a apresentação desta parte da pesquisa é o ensaio.

O segundo capítulo conta a história dos projetos de EJA criados e desenvolvidos no CAp / UFRGS e está sob a responsabilidade dos alunos Anderson e Lucas, com o apoio de Augusto; sob o título: **A construção da EJA no Colégio de Aplicação da UFRGS**. O gênero textual escolhido para fundamentar a apresentação desta parte da pesquisa é a resenha.

O terceiro capítulo, que está sob a responsabilidade das alunas Maria Suely e Tailene com o apoio da Nathalia, apresenta as produções dos alunos da EJA no CAp. Para tanto está dividido em duas sessões: na primeira, as produções textuais, que incluem os gêneros fábula, charge, redação escolar, poesia, história em quadrinhos. Na segunda, as produções midiáticas, QR코드, radionovelas, avatares, vídeos. O título deste capítulo é **Autoria na EJA**.

O quarto capítulo intitulado **O caminho para o autoconhecimento está** dividido em duas sessões, cada uma composta por dos gêneros: entrevistas e memórias. Na primeira sessão são apresentadas X entrevistas com ex-alunos e alunos atuais do CAp e na segunda, X memórias. A responsabilidade deste capítulo é de Cátia e Mônica, com o apoio de Vítor.

O conjunto de produções que constituem este E-book mostra que uma prática educativa pode dar voz aos alunos, permitir que sejam pesquisadores, participantes do processo de aprendizagem, sujeitos conscientes e reflexivos. Assim, aliando o exercício de aprendizado dos gêneros textuais, de forma contextualizada, significativa para os alunos da EJA, com a orientação para pesquisa científica e orientação para formação de graduandos, este livro tem o objetivo de divulgar o trabalho realizado pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. UMA LUTA HISTÓRICA

Deise Luana Rosa Bastos⁴
Géverton Bittencourt dos Santos⁵
Joice Balbuena Iribarem⁶
Maria Gonçalves dos Santos⁷

Esse capítulo aborda a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil sob a forma de um ensaio. A escolha deste tema especificamente está ligada ao contexto de criação do e-book e ao propósito de apresentar uma visão ampla de EJA para depois chegar a um recorte no Colégio de Aplicação. Já, a adoção do gênero está ligada aos objetivos de apresentar e discutir o assunto, ora de forma impessoal e formal, ora de forma pessoal e livre, já que o ensaio possui esta capacidade híbrida.

O escritor francês Montaigne é considerado o criador do gênero, com o lançamento em 1580 de seu livro intitulado *Ensaíos*. Na obra, Montaigne diz que os ensaios resultam de suas faculdades naturais e não necessariamente do estudo, e que para ele, um ensaio era um esboço de seu caráter e ideias, feito para si mesmo e para íntimos. Outro modo de explorar o mesmo gênero pode ser visto nos escritos de Francis Bacon. Também considerado um dos pioneiros, Bacon adota a opinião de que aquele que estiver interessado em se aventurar no ato de ensaiar deve primeiro se inteirar a respeito do assunto e depois habituar-se à complexidade das coisas, mantendo-se sempre comprometido com a verdade (PAVIANI, 2009).

Hoje em dia os ensaios são métodos avaliativos comuns em cursos de graduação, mas aparecem raramente no meio escolar. Trabalhar com este gênero na escola não significa apenas exercitar um gênero acadêmico, é mais do que isso, é possibilitar que alunos aprendam e desenvolvam argumentos sobre um assunto, exercitando de forma mais livre (mas não com a ausência de regras) suas habilidades de escrita e interpretação do mundo, valendo-se de fatos

⁴ Graduanda em Letras – Licenciatura/UFRGS. Atuou no início do projeto do PI no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: lulurbastos@gmail.com

⁵ Aluno da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursa a turma EM3 (Ensino Médio - nível três). E-mail: chb_jp@hotmail.com

⁶ Graduanda em Letras – Licenciatura/UFRGS desde 2013/1. Bolsista de Iniciação Científica da Profª Drª Juçara Benvenuti no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: joice.balbuena@gmail.com

⁷ Aluna da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2016/2, atualmente cursa a turma EM1 (Ensino Médio – nível um). E-mail: maria.goncalveseja@gmail.com

embasados por pesquisa e/ou opinião pessoal. Mais do que servir de avaliação, o ato de ensaiar tem o potencial de despertar o gosto pela escrita, pois é um modo de expor aquilo que o escritor anseia falar sobre um assunto que o comove. O presente ensaio é uma mistura do pessoal com o impessoal, do formal com o informal e irá descrever fatos sobre a história da EJA bem como interpretá-los sob a visão dos próprios sujeitos que frequentam as salas de aula desta modalidade de ensino.

Para começar, é importante que se diga, que a EJA não é uma realidade apenas brasileira. Muitas pessoas, de diversos países, se envolvem nessa esfera da educação, seja como aluno, professor, político ou teórico. Para começar a falar sobre a trajetória brasileira, consideramos ser relevante mencionar algumas das mobilizações mundiais que influenciaram nas políticas de EJA. Acreditamos que isso ajudará na compreensão de qual o lugar que o Brasil ocupa nesse meio.

O direito à educação para todos está previsto no artigo 26 da Declaração Universal de Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) no dia 10 de dezembro de 1948, com 48 votos a favor, nenhum contra e oito abstenções (Bielorrússia, Tchecoslováquia, Polônia, Ucrânia, União Soviética e Iugoslávia - a maior parte do bloco soviético, além da África do Sul e Arábia Saudita). O Brasil faz parte do grupo que votou favoravelmente. Assim ficou o texto dos Primeiro e segundo parágrafos do Artigo 26:

§1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

§2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos- USP, 2016).

Em face disso, como um órgão executivo da ONU, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estabelece metas a serem atingidas no campo da educação para os países participantes e muitas das ações realizadas no mundo inteiro acontecem graças às iniciativas desse órgão.

Em 1990, em Jomtien na Tailândia, ocorreu a *Conferência Mundial sobre Educação para Todos*, realizada pela UNESCO. A partir dessa conferência, foi redigida em 1992 a *Declaração*

Mundial Sobre a Educação Para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem (BENVENUTI, 2011). A assinatura dessa Declaração por parte do Brasil significou um acordo amplo de cooperação entre a UNESCO e o Ministério da Educação do Brasil, pois este evento reafirmou o direito à educação, já reconhecido desde 1948.

A Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, elaborou um Relatório em 1996 como preparação para o Fórum Mundial em Dakar no ano 2000, com o objetivo de avaliar os progressos alcançados mundialmente. Em um dos capítulos do Relatório, editado em forma de livro: "Educação: Um Tesouro a Descobrir", a comissão destacou os quatro pilares fundamentais da educação: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser*.

Resumidamente, mas não sem atribuir a devida importância a eles, destacamos um por um: "aprender a conhecer" confronta a ideia de decorar para aprender, pois precisa levar o educando a descobrir as próprias ferramentas para enfrentar as mudanças velozes do mundo globalizado; em suma, é aprender a aprender; é a aprendizagem contrária ao conhecimento congelado e imutável. O segundo pilar, "aprender a fazer", levanta a questão de como auxiliar os alunos a pôr em prática os seus conhecimentos, por isso pode-se dizer que é a aprendizagem relacionada à educação profissional; realidade que não pode ser ignorada, principalmente com alunos de EJA. "Aprender a viver juntos", por sua vez, é conhecer e respeitar o outro, reconhecendo o multiculturalismo das nações; e essa aprendizagem, quando desempenhada de modo significativo nas escolas, tem a capacidade de amenizar os conflitos entre nações. "O aprender a ser", último pilar apresentado no documento, potencializa a realização completa do ser humano, explorando as habilidades internas de conhecimento de si mesmo e também as habilidades externas ao indivíduo, para se abrir à relação com o outro, com o meio e com o mundo, para alcançar toda a potencialidade; se desenrola durante toda a vida do indivíduo.

Com a atual conjuntura social uma educação baseada nestes quatro pilares pode significar a valorização do pensamento, o incentivo ao crescimento individual e consequentemente coletivo. Muito além da simples absorção de conteúdos, significa a construção do conhecimento com bases sólidas, o fim do ensino-aprendizagem voltado apenas para a reprodução e independe de qualquer método, metodologia ou linha pedagógica.

Assim, este documento continua atual para a EJA, uma vez que o professor precisa ser mais do que um transmissor de conteúdos, tem que ser um educador, é ele quem vai ensinar o educando a desenvolver o pensamento crítico, autônomo. É necessário valorizar mais o

processo do que os fins, entender os erros como caminhos para os acertos, buscar a qualidade, pensar menos em quantidade, aumentar a participação dos alunos em todos os processos.

A preocupação com a EJA foi se acentuando com a interferência da UNESCO ao longo dos anos. Em 1997, na Alemanha, durante a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), evento realizado a cada dez ou doze anos, foram assinados dois documentos por 170 países, entre eles o Brasil. Estes documentos: a “Declaração de Hamburgo” e “Agenda para o Futuro” assumiam o compromisso de redução do número de analfabetos no mundo e ampliação das possibilidades de educação ao longo da vida, bem como vários investimentos na EJA (BENVENUTI, 2011).

Em 2009, no Pará, realizou-se a VI CONFINTEA, evento de suma importância, dentro do território brasileiro. O *Marco de Belém* reiterou o direito pleno à educação de jovens e adultos e ratificou a aprendizagem ao longo da vida.

Explicitado o cenário mundial da educação de jovens e adultos, veremos agora que na história política econômica brasileira surgiram muitas tentativas de escolarização da EJA, algumas com sucesso e outras com derrotas. Houve, também, projetos que não chegaram a ser implantados e outros que foram cancelados. Nos próximos parágrafos apresentaremos um panorama dessa trajetória no Brasil.

Em 1500, após a chegada ao território que viria a ser o Brasil, não demorou muito para que os portugueses comesçassem a pensar sobre educação dos nativos. Portanto, o primeiro movimento para educação de adultos no nosso país surgiu com a Educação Jesuítica em 1549, quando o ensino foi usado como forma de conversão dos indígenas pela catequese e pela instrução. Neste caso, a religião era o motivo mais importante para o ensino, já que “a mão-de-obra das atividades da Colônia, indústria extrativa, mineração, criação de gado e plantação de cana-de-açúcar, não exigiam conhecimentos de leitura e escrita” (BENVENUTI, 2011). O fim da Educação Jesuítica se deu em 1750 com a expulsão da Companhia de Jesus.

Deste período até a chegada da família Real no Brasil (1808) não houve desenvolvimento educacional no Brasil. E após este fato histórico a organização do sistema de ensino girou em torno das demandas da aristocracia e das ocupações burocráticas do Império, portanto não há registros de preocupação com a instrução popular.

A Constituição Imperial de 1824, no Capítulo 3º - Da Fazenda Nacional, Título 8º - Das Disposições Gerais e Garantias dos Direitos Cíveis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, Artigo 179, Item 32 aponta o direito à instrução primária gratuita para todos os cidadãos. Assim está

redigido o item: “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos”. Isto quer dizer que mais de um século antes da Declaração Universal de Direitos Humanos, o Brasil já tinha assegurado o direito à educação básica na sua Carta Magna, mesmo que isso não ocorresse na prática. No entanto, apesar desses direitos assegurados, o ensino elementar não se difundiu, nem melhorou sua qualidade, visto que o povo não sentia real necessidade de instrução.

O Ato Adicional de 1834 delegou às Províncias a responsabilidade pela educação básica e manteve o Estado responsável pela educação superior. A partir desta descentralização a educação popular ocorreu de forma desigual no território brasileiro, acompanhando a geração de riquezas e a industrialização decorrentes das imigrações e do desenvolvimento das regiões.

Até o final do Império não havia sido questionada a capacidade do analfabeto de participar das atividades desenvolvidas no país, a situação começou a mudar quando iniciou uma crescente valorização dos níveis de instrução do povo com a Constituição de 1891. Nesta época a escolarização começou a ser vista como meio de ascensão social e surgiu o preconceito contra o analfabeto.

Além disso, a Primeira Guerra Mundial configurou um novo panorama no país e atribuiu à falta de ensino uma parte da responsabilidade pela situação precária em que se encontrava a população. Somente em 1921 foram criadas as primeiras escolas noturnas para adultos no Rio de Janeiro. Em 1937 foi criado o Plano Nacional que obrigou a gratuidade do ensino primário integral para crianças, jovens e adultos e na década de 40 foram criadas o SENAI, O SESI e o SENAC (chamados ‘Sistema S’).

Após a Segunda Guerra Mundial, a Campanha Nacional de Educação de Adultos no Brasil pioneira aconteceu em 1947 como uma iniciativa pública que visou à ampliação do número de eleitores decorrentes do aumento de pessoas alfabetizadas, já que os analfabetos eram excluídos do processo eleitoral. Desta forma pode-se afirmar que os investimentos na educação continuavam sendo concebidos como busca de solução para os problemas mais emergenciais da sociedade.

Conforme Soares, após análise de documentos do final da década de 40 “a concepção do papel do alfabetizador o identificava como aquele que tem uma missão a cumprir” (...) “chegando-se a atribuir a causa da ignorância, da pobreza, da falta de higiene e da escassa produtividade à sua própria existência” (1996, p. 30) ao referir ao povo sem instrução que frequentou a Campanha.

O êxito inicial da Campanha logo foi superado pelo seu declínio. De 1950 em diante, surgiram vários movimentos sociais no Brasil, dentre eles: atividades das pastorais da Igreja Católica nos subúrbios e alfabetização em zonas rurais, Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA).

O final da década de 50 e o início dos anos 60 foram marcados pela influência de Paulo Freire e tiveram o Movimento de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP), o Centro Popular de Cultura da UNE (CPC), o Programa Nacional de Alfabetização do MEC. O Programa Nacional de Alfabetização, elaborado por Freire, foi oficialmente iniciado em 1963; no entanto, com o golpe de 64, tanto este como outras iniciativas da sociedade civil que visavam à transformação social, foram interrompidas.

Em 1967, a lei 5379 criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual possuía um caráter assistencialista e objetivava apenas a alfabetização funcional, ignorando as orientações metodológicas propostas por Freire e o sentido crítico do material didático. O Movimento investiu grandes somas de dinheiro provenientes da loteria esportiva e de doação de empresários. A campanha produziu vasto material didático, no entanto, "sua produção mais interessante, sobre temas culturais e de divulgação de obras clássicas, parece não ter chegado aos alunos." (FÁVERO, FREITAS, 2011).

A Constituição de 1967 e sua Emenda de 1969 com Atos Institucionais e Decretos abandonaram a fachada democrática e formalizaram a ditadura militar. O debate sobre a educação deixou ter o espaço que havia ganhado nas movimentações sociais; uma nova visão foi assegurada: bastava o mínimo para a população, em termos de escolarização, a EJA perdeu os incentivos que havia recebido nos anos anteriores.

A lei 5692/71 que fixou as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, dedicou o capítulo IV ao Ensino Supletivo. Os Conselhos de Educação dos estados brasileiros foram responsabilizados pela normatização dos cursos ligados à profissionalização nos dois níveis (1º e 2º graus). Em consequência a implantação dos Centros de Ensino Supletivos (CES) teve forte influência do tecnicismo na estrutura dos cursos. A metodologia previa autoinstrução, sem obrigatoriedade de frequência e a avaliação era feita em etapas, uma interna no final de cada módulo e outra externa pelo sistema educacional. Alguns Centros de Ensino ainda estão em funcionamento no Brasil, mas sofreram algumas adaptações com as mudanças das legislações ao longo dos anos.

A Constituição de 1988 e a Emenda de 1996 asseguram a inserção do direito à educação no rol dos direitos sociais. Também organizam o sistema educacional, tratam do

acesso e da qualidade do ensino, distribuem os cargos e competências aos entes da federação.

Em 1996 a lei 5692/71 foi revogada e entrou em vigor a lei 9394, que substituiu o termo *ensino supletivo* por *educação de jovens e adultos*. A mudança no conceito de *suplência* para *educação* indica a abrangência e qualificação para o processo de formação da população atendida por esta modalidade. É uma demonstração da preocupação com a formação geral do indivíduo, com a educação ao longo da vida, com o direito à escolarização em qualquer fase (criança, jovem, adulto ou idoso).

Outro fato que não pode ser esquecido nesta análise diz respeito ao trabalho realizado por Jamil Cury como relator na Câmara de Educação Básica (CEB) das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. O parecer datado de novembro de 2000, foi construído depois de ouvidas as representações dos órgãos normativos e executivos dos sistemas e várias entidades educacionais, além de associações científicas e profissionais da sociedade civil de todo o país. Ainda, foram realizadas teleconferências sobre a formação de educadores para esta modalidade de ensino, promovidas pela Universidade de Brasília (UnB) com apoio da UNESCO e vários fóruns compromissados com a EJA tiveram oportunidades de manifestação por meio de cartas, ofícios e meios informatizados.

Ao reunir todas as informações, sugestões, críticas e propostas provenientes destas amplas consultas que atingiram desde os aspectos administrativos até os de fundamentação teórica, a CEB com o apoio do MEC elencou os fundamentos para elaborar o parecer. No mês de setembro de 1999, em reunião da CEB, foi indicado o relator que passou a ser responsável pela elaboração do documento final.

Entre outras importantes contribuições o documento apresenta as três funções da EJA que se destacam: reparadora, equalizadora e qualificadora. Conforme Benvenuti:

A primeira se refere ao reconhecimento do direito civil dos jovens e adultos de acesso a uma escola de qualidade; a segunda relaciona-se à igualdade de oportunidades para inserção na vida social com mais preparo; e a terceira, se refere à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo desenvolvimento pode ocorrer na escola e fora dela (2011, p. 63).

Assim, o acesso à leitura e à escrita é um instrumento de poder que foi negado historicamente a uma grande parte da população. Falta de alfabetização ou pouco letramento diminui a qualidade de vida de jovens e adultos e traz consequências também na estratificação social. Jamil Cury alerta, porém, para que não se confunda a noção de reparação que equivale

à renovação, melhora ou restauração com a ideia de suprimento, que traz consigo a perspectiva de simples preenchimento daquilo que faltou. A atenção a estes significados pode alterar completamente a posição de quem se propõe a trabalhar com a EJA: função reparadora com objetivo de melhorar, renovar.

Importante também é que o ponto de chegada da função reparadora é o ponto de partida da função equalizadora, pois a reentrada na escola pode abrir a possibilidade de novas inserções no mundo do trabalho e na sociedade; buscando, então, a igualdade de oportunidades. Desta forma a EJA pode representar para este público o caminho para o desenvolvimento e atualização de conhecimentos, habilidades, troca de experiências que garantam acesso a um trabalho mais qualificado, a uma participação na vida social mais efetiva, e a inserção em espaços da estética e das artes.

A função qualificadora também pode ser chamada de educação permanente, já que se refere à educação para a vida toda. Seu potencial pode ser desenvolvido dentro ou fora da escola; mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos, segundo Cury (2000).

Esses conceitos permanecem válidos e atuais. Dessa data para cá outros decretos foram lançados para alterar e regulamentar partes da lei 9394/96. Entre eles o de número 5154 de 2004 que modificou a operacionalização dos cursos de EJA. No entanto, no ano seguinte o Decreto 5478 fez modificações mais significativas. O decreto instituiu o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA – Ensino Médio na rede federal, com objetivo de diminuir a evasão escolar e aumentar a participação e qualificação de jovens e adultos no mundo do trabalho.

Em 2006, outro decreto – 5840 – revogou aquele de 2005 e ampliou o atendimento para formação inicial e continuada de trabalhadores e educação profissional técnica de nível médio em toda educação básica. Este decreto também abriu a possibilidade de oferta para escolas estaduais, municipais e privadas.

Há mais um documento que traz contribuições para a EJA, deste mesmo ano. A Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) nomeou um grupo de 16 professores de Universidades e CEFETs do país para elaborar o Documento Base PROEJA, o qual instituiu o Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Além de uma pesquisa nacional que apresentou a realidade brasileira em todos os estados, o documento instituiu uma política que

reuniu a educação básica com a profissional e estabeleceu os fundamentos políticos pedagógicos para sua implantação.

O Programa criou cursos para formação de professores a nível de Pós-Graduação para qualificar o trabalho desses profissionais com a educação básica. Além disso, o documento deu atenção às especificidades e necessidades locais, isto é, cada estado apresentou a proposta de acordo com sua realidade. As normas gerais foram produzidas pelo MEC, mas houve garantia de autonomia nas escolas.

Após mais de cinco séculos de lutas para garantir os direitos mínimos à educação a população brasileira conseguiu atingir patamares socialmente estáveis e assegurados. Nesse sentido, todos os esforços empreendidos para alcançar essas metas foram justificados pelo reconhecimento nacional das propostas da UNESCO, das CONFINTEAs e das diferentes Constituições Brasileiras.

REFERÊNCIAS:

BENVENUTI, Juçara. *Letramento, Leitura e Literatura no Ensino Médio da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos: uma proposta curricular*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras /UFRGS/2011. Porto Alegre, 2012. 392 f.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos/ Documento Base*. Brasília, 2006.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 28 mar. 2011a.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 mar. 2011b.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL. Carta de lei de 25 de março de 1824. Manda observar a Constituição Política do Império, oferecida e jurada por Sua Majestade o Imperador. Disponível em: <<http://www.monarquia.org.br/PDFs/CONSTITUICAODOIMPERIO.pdf>>. Acesso em 26 nov 2016.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer CNE/CEB n. 11/2000. Disponível em: <http://www.uff.br/ejatrabalhadores/arquivos-agosto-2008/diretorF_parecer11_2000_resolucao1_00.pdf> Acesso em: 08 mar. 2016.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela Resolução nº 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Assinada pelo Brasil na mesma data. In: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos- USP, (2016). Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o->

Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html> . Acesso em: 22 nov 2016.

DELORS, Jacques (org.) Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, UNESCO. (2001)

FÁVERO, O. FREITAS, M. *Inter-ação*. Goiânia. V.36. n.2 p. 365-392. Jul-dez 2011.

FÁVERO, Osmar; FREITAS Marinaide. *A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente*. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/artigo_favero.pdf>. Acesso em: 22 nov 2016.

PAVIANI, Jayme. *O ensaio como gênero textual*. V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul, RS. Agosto de 2009. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o_ensaio_como_genero_textual.pdf>. Acesso em: 18 nov 2016.

SOARES, Leônicio José Gomes. *A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais*. In: *Presença Pedagógica*. v. 2, n. 11. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1996.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien (Tailândia), 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2011.

2. A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Anderson Machado Silverio⁸
Augusto Stevanin⁹
Lucas Rovira Mairesse¹⁰

Neste capítulo apresentaremos uma resenha a respeito da história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os objetivos envolvidos na produção deste texto são vários, mas destacamos, em primeiro lugar, a iniciativa de realizar um trabalho diferenciado com um gênero textual que tem características próprias, as quais permitem trazer as informações sobre a temática escolhida para o capítulo do livro, mediadas pelas considerações dos seus autores.

Assim, este texto pretende divulgar aos leitores desta obra quatro projetos para a EJA, dois desenvolvidos em anos anteriores e dois em desenvolvimento no CAp. Para tanto, o grupo reunido semanalmente nas aulas da disciplina de Projeto de Investigação (PI) elaborou o presente texto pesquisando em relatórios, projetos, documentos e materiais fornecidos por professores do Colégio sobre os cursos realizados na única unidade de Educação Básica da Universidade.

Além disso, este trabalho consolida os esforços pela interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa e Cultura Digital, disciplinas a partir das quais se deu a produção textual e a criação do presente *e-book*, bem como a qualificação do conteúdo e apresentação da obra.

O gênero textual do capítulo – a resenha – se caracteriza por ser um texto tanto informativo quanto opinativo, no sentido de que ela pode ser crítica. Diferentemente de um resumo, a resenha se propõe a não apenas apresentar um determinado objeto ou tema – por exemplo: um filme, um romance, uma peça de teatro, um livro, um projeto etc. – mas também mostrar o posicionamento crítico do escritor acerca daquilo que está sendo explanado.

⁸ Aluno da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursa a turma EM3 (Ensino Médio - nível três). E-mail: andy.boby@outlook.com

⁹ Graduando em Letras – Licenciatura/UFRGS. Colaborador no projeto do PI no Colégio de Aplicação da UFRGS. Bolsista de IC atuando em Cultura Digital. E-mail: astevanin@hotmail.com

¹⁰ Aluno da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursa a turma EM3 (Ensino Médio - nível três). E-mail: lucasmairesse@gmail.com

Conforme nos ensina Thais Pacievitch (2016) uma resenha pode ser descritiva ou crítica. A descritiva pode ser usada para apresentar resumos de livros técnicos, apreciação ou julgamento do autor sobre uma obra ou um objeto analisado. Por esta característica a resenha descritiva também pode ser chamada de resenha técnica ou científica. Quanto à crítica, Pacievitch lembra que “o conteúdo apresentado é um pouco mais detalhado do que na resenha descritiva, pois os critérios de julgamento são de valor, de beleza da forma, estilo do objeto [seja um acontecimento ou uma obra analisados]” (2016). A autora ainda destaca para finalizar, ao fazer uma resenha, é necessário: “emitir um julgamento de verdade (resenha descritiva) ou de valor (resenha crítica), sendo necessária a fundamentação no caso da resenha crítica” (2016).

Portanto, ao longo deste capítulo, apresentaremos os projetos já criados e desenvolvidos pelo Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao longo de dezesseis anos. Com fins organizativos dividiremos em quatro sessões: iniciaremos apresentando o Programa de Ensino Médio para Jovens e Adultos Trabalhadores (PEMJAT), que iniciou em 2000; depois passaremos para o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA), o qual ocorreu em 2007. Nas sessões seguintes apresentaremos as atividades que ainda estão em andamento que são os projetos EJA Regular e Classe de Aceleração de Estudos.

1ª SESSÃO: PEMJAT

O Programa de Ensino Médio para Jovens e Adultos Trabalhadores (PEMJAT) foi planejado e estruturado nos anos 1997, 1998 e 1999, mas só no ano 2000, precisamente no mês de agosto entrou em funcionamento. A previsão inicial demandava quatro semestres para completar o número de horas exigidas pela legislação vigente à época para esta modalidade de ensino no nível médio. Este fator ocorreu porque o horário de atendimento aos alunos era diferenciado, ou seja, os professores organizaram as aulas regulares em três dias da semana, em outro dia aconteciam atividades diferenciadas e oficinas e em outro os professores se reuniam para planejamentos e discussões enquanto os alunos tinham tarefas a distância.

O projeto, nascido dentro da Universidade, não fugiu a sua estrutura e se vinculou, além do ensino, à pesquisa e à extensão, abrindo desta forma, a possibilidade de interação com todos os segmentos e unidades da UFRGS. É importante destacar que o curso teve especial apoio de algumas unidades da UFRGS como a FACED, alguns cursos de Graduações e Licenciaturas, as Pró-Reitorias de Extensão, de Pesquisa, PRORH, também grande incentivo

da SENTEC (MEC).

Buscando a interatividade docente o projeto se organizou em três Blocos temáticos: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Em seu princípio, o projeto ofertou 70 vagas, para formar duas turmas de 35 alunos. No entanto, o número total não chegou a ser alcançado. A forma de ingresso foi sorteio universal de vagas, mas aconteceu de ter a predominância de funcionários da universidade na inscrição para o sorteio o que levou a formar um grande grupo de alunos de servidores da UFRGS: em torno de 60 alunos.

As aulas regulares ocorriam nas segundas, quartas e sextas e cada Bloco era responsável por um dos dias. Assim, pelas segundas o bloco que ficava responsável era o de Linguagens; pelas quartas era o de Humanas; e pelas sextas era o de Ciências da Natureza e Matemática. Havia cinco períodos de 45 min por turno, distribuídos segundo o planejamento semanal do bloco. Não havia um horário fixo com relação às disciplinas, apenas os blocos tinham dia certo. Para as disciplinas as combinações eram semanais e dependiam do planejamento dos conteúdos. Todos os professores de cada bloco entravam nas duas turmas nos seus dias de atuação, revezando-se no ensino ou como apoio aos alunos.

O horário das aulas (das 16h às 20h05) foi pensado para atender a clientela, ou seja, como o programa foi iniciado para atender uma demanda interna da universidade, a escolarização dos funcionários da UFRGS, houve um acordo entre as chefias dos funcionários, a PRORH e o Cap para que fosse possível aos funcionários da UFRGS conciliar os estudos e o trabalho. Os funcionários matriculados na EJA tiveram duas horas de seus turnos de trabalho diminuídas nos dias de aula. Assim, o período vespertino foi a melhor opção de horário, pois os alunos saíam de seus locais de trabalho e se dirigiam ao CAp.

Não houve listagem prévia de conteúdos para os componentes curriculares, à medida que os educandos foram demonstrando necessidades, os conteúdos foram sendo levados até eles de forma interdisciplinar, após a discussão dos monitores e orientadores. Todas as atividades foram registradas em fichas de acompanhamento, preenchidas pelos monitores. Por esta razão as reuniões eram tão importantes e demandavam tanto tempo toda semana.

Outro detalhe muito significativo: as reuniões eram divididas em dois momentos: uma geral e outra só de blocos. Os principais objetivos da compartimentação das reuniões era buscar a interdisciplinaridade, quanto aos conteúdos, e à temática em cada Bloco, com planejamento de aulas e de atividades entre os monitores e seus orientadores; e, reunir todos os professores, a coordenação e os bolsistas com o intuito de compartilhar as ações, planejar

em conjunto as atividades extracurriculares, como saídas de campo e seminários, bem como organizar as oficinas e atividades diferenciadas.

No dia em que o grupo de professores se reuniam para o planejamento, os alunos tinham tarefas de ensino a distância, as quais poderiam ser realizadas no CAp: na Biblioteca ou na sala de informática, ou ainda em casa.

Para além dos encontros nos quais aconteciam as aulas oferecidas pelos Blocos, nas quintas eram realizadas as Oficinas e Atividades Diferenciadas, com 1h50 para cada uma. O trabalho das quintas-feiras buscava a inserção dos alunos em momentos distintos do trabalho pedagógico e era pensado com os objetivos de criar espaços diferenciados, analisar e acompanhar os ritmos de aprendizagem dos alunos e oportunizar desenvolvimento cognitivo e socioafetivo.

Apresentando objetivos diferentes das Oficinas, as Atividades Diferenciadas visavam oportunizar aos alunos a transmissão social, novos conhecimentos e experiências com ajuda de professores especializados e começavam por ser eletivas, ou seja, os alunos podiam escolher dentre as opções oferecidas as que gostariam de participar. Priorizava-se, com a livre escolha, os interesses dos alunos. Normalmente ocorriam quatro encontros sequenciais. Cada Bloco foi responsável por oferecer duas propostas sistematicamente ao longo de cada semestre.

Algumas das Atividades Diferenciadas oferecidas foram: A História no Cinema, A Problemática da Infância no Brasil, Educação, Trabalho e Gênero: trabalho de homem ou de mulher? Violência na Mídia, Dependência Química e uma Reflexão Filosófica sobre o Problema, Projeto de Vida Profissional, Leitura e Produção: Conto, Cultura e Língua Estrangeira: Inglês, Espanhol e Francês.

As oficinas foram organizadas pelos professores a partir de sondagens e observações das necessidades dos alunos, durante todo o curso. Assim, formavam-se grupos de aproximadamente 8 a 12 alunos, por indicação dos professores (decididos em reunião geral) e se mantinham durante 8 a 10 encontros. Após esse período, realizava-se uma avaliação do trabalho e havendo necessidade, isto é, se os alunos precisassem mais tempo para atingir os objetivos propostos, o trabalho recebia continuidade, caso contrário fazia-se o planejamento de outra oficina diferente, sempre cuidando para que cada grupo centrasse no desenvolvimento de uma habilidade de pensamento.

Algumas das oficinas oferecidas foram: Literatura e Folclore, Ortografia, Música Coral, Cultura e Língua Espanhola e Inglesa, Texto e Contexto, Leitura de Periódicos, A História e as

Manifestações Audiovisuais, Resignificando a Matemática do Cotidiano, Xadrez Passo a Passo, Desmistificando o Computador, A Linguagem Logo e Algumas Aplicações no Desenvolvimento Cognitivo.

Nos encontros em que ocorriam as Oficinas e Atividades Diferenciadas participaram, além dos professores orientadores, dos bolsistas/monitores, outros professores do colégio, pessoas da comunidade acadêmica e estagiários das licenciaturas da UFRGS.

A avaliação ao longo de todo o curso foi processual, cumulativa realizada em dois momentos a cada semestre: uma no meio do semestre, com a participação dos alunos e outra no final, só com os professores. Os conceitos emitidos ao final acompanhavam os da Universidade, ou seja, A, B, C (para aprovação) ou D (para reprovação) e F (nfrequentes).

O constante diálogo com o grupo de alunos, a permanente busca pela qualidade do trabalho realizado permitiram ao Colégio de Aplicação formar um grupo de alunos servidores da Universidade no Ensino Médio, além de formar um grande número alunos das graduações que se tornaram professores melhores porque tiveram oportunidade de trabalhar mais tempo em sala de aula do que teriam em um estágio curricular, sob a orientação de professores que os acompanhavam diariamente.

UNIVERSIDADE

Universidade comemora formatura do PEMJAT

No dia 2 de outubro, o Salão de Atos da Ufrgs praticamente lotou para assistir à formatura dos 57 colegas técnico-administrativos do Programa de Ensino Médio de Jovens e Adultos Trabalhadores.

A presença da reitora, Wraza Panizzi, de diretores, da comunidade do Colégio de Aplicação (diretor, professores e técnicos), pró-reitores, da Assufrgs e

Adufrgs, da comunidade universitária em geral, amigos e familiares demonstrou a importância de tal acontecimento para os formandos e para a Ufrgs.

A cerimônia, cheia de emoção, contou com discursos entusiasmados na defesa do Programa, nas palavras dos oradores das duas turmas, Paulo Ceroni e Maria Luísa Conceição Walezak. Para eles, "as dificuldades foram superadas a partir do mo-

mento em que a instituição lhes estendeu a mão e possibilitou a retomada aos estudos". Para todos que estiveram presentes na solenidade e acompanham o desenvolvimento dos programas PEFJAT e PEMJAT demonstra-se evidente a necessidade de manutenção dos mesmos para continuar a qualificação do servidor e a construção de importante elemento da cidadania em nosso meio. A Assufrgs já recebeu projeto de parte da



Turma do PEMJAT posa para a foto que marca um momento especial na vida de cada um dos formandos

Coordenação dos Programas para a continuidade dos mesmos. Estaremos publicando matéria sobre esse assunto no próximo número do nosso jornal.

Foto da formatura do PEMJAT, publicada no Jornal da Universidade (UFRGS) em novembro de 2002. Fonte: arquivo pessoal da professora Juçara Benvenuti.

Assim, no dia 02 de outubro de 2002 a Universidade Federal do Rio Grande do Sul representada pelo Colégio de Aplicação formou o primeiro grupo de 57 alunos no Ensino Médio

na modalidade EJA. E infelizmente, por alterações na legislação, o PEMJAT precisou ser desativado no mesmo ano, impedindo que outros estudantes passassem pelo mesmo processo exitoso.

2ª SESSÃO: PROEJA

O PROEJA foi o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos, que teve por objetivo oferecer a oportunidade de conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio na idade regular. Este programa foi instituído pela Secretaria de Tecnologia (SETEC) /MEC a partir de 2006 e teve o Documento Base como instrumento regulador de sua política de implantação.

Na UFRGS duas unidades trabalhavam com a educação básica na época de implantação do PROEJA; no entanto uma delas, o Colégio de Aplicação, dedicava-se exclusivamente à formação básica vinculada aos estudos propedêuticos, enquanto a outra, a Escola Técnica (ETCOM), por sua vez trabalhava apenas com a formação profissionalizante pós-ensino médio. Assim para atingir o objetivo proposto pela SETEC, de oferecer um único curso que preparasse os alunos com a educação básica propedêutica e a profissionalizante, as duas unidades da UFRGS estabeleceram uma parceria.

Todo ingresso no Colégio de Aplicação é regulado por edital e passa por um sorteio universal de vagas e depois deste processo é que aqueles que forem sorteados fazem a matrícula. Da mesma forma foi o procedimento com o PROEJA, pois os alunos ingressaram inicialmente no CAP, frequentaram três semestres para após este período escolher uma das treze habilitações dos cursos profissionalizantes da ETCOM.

Assim como no programa anterior, duas turmas foram organizadas, no entanto os números diferiram: uma ficou com 29 e outra com 30 alunos. A carga horária cumprida na parte propedêutica foi de mil e duzentas horas (1200h), em três semestres consecutivos de aproximadamente 400h cada um. Na parte subsequente do curso – a educação profissional técnica de nível médio do PROEJA – a carga horária mínima foi também de mil e duzentas horas (1200h), no entanto, algumas terminalidades exigiram um pouco mais de tempo para seu curso completo.

O início do curso se deu em março de 2007 e a partir das primeiras reuniões do grupo, às quartas-feiras, foram feitas adaptações no projeto para dar conta de atender as

necessidades daquele momento, pois o projeto do CAP previa a organização de conteúdos e o planejamento interdisciplinar, a discussão de estratégias para desenvolver os conteúdos em reuniões de blocos, a organização do horário das aulas semanal, entre outras características, como o trabalho em Blocos.

O grupo de professores formado em parte pelos docentes do Aplicação e em parte pelos técnicos e professores da ETCOM assumiram as atividades com horários fixos e ofereceram no primeiro semestre as seguintes disciplinas Língua Portuguesa e Espanhol (que faziam parte do Bloco Comunicação); Matemática, Química, Física e Biologia (que faziam parte do Bloco Ciências Exatas e da Natureza); Geografia, Filosofia, Sociologia e História (que faziam parte do Bloco Ciências Humanas); Teatro, Educação Física e Artes Visuais (que faziam parte do Bloco Expressão e Movimento). No segundo e terceiros semestres foi incluída Literatura e Música substituiu Artes Visuais.

A estrutura dos Blocos se manteve para fins avaliativos, mas como havia professores das duas unidades em todos os blocos, cada um fazia uma avaliação prévia segundo alguns critérios estabelecidos em reunião geral e depois se unificava em um único conceito a avaliação de cada aluno em reunião do bloco. Em todos os três semestres do curso ocorreu um conselho participativo no meio do semestre para que os alunos pudessem acompanhar seu desenvolvimento e no final um conselho só com os professores, sendo emitido um parecer único para cada aluno, como aprovado, reprovado ou evadido.

Os serviços de orientação e psicologia educacional não foram oferecidos no primeiro semestre do curso por falta de profissionais para isso, mas do segundo semestre em diante, os alunos foram atendidos por uma psicóloga da ETCOM.

As aulas aconteciam das 19h15 às 22h10 nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras. Nas quartas-feiras ocorriam as reuniões dos blocos das 19h15 às 20h40 e, após o intervalo, das 20h50 até às 22h10, eram feitas reuniões gerais. Enquanto os professores se reuniam os alunos desenvolviam atividades a distância, organizadas pelos blocos, as quais poderiam ser feitas na biblioteca, na sala de informática da escola ou em outro local que o aluno quisesse. Os prazos para entrega das tarefas prontas era estipulado em reunião geral para que permitisse aos alunos um período viável entre uma tarefa e outra.

Entre os 59 alunos que ingressaram no programa somente 29 alunos concluíram o ensino médio e se inscreveram nos cursos profissionalizantes da ETCOM para continuarem seus estudos em uma das treze terminalidades oferecidas pela escola.



Turma de alunos do PROEJA na Oficina de Literatura: Folclore no Rio Grande do Sul, junho/2007. Fonte: Documentos e registros de Doutorado da Professora Juçara Benvenuti.

3ª SESSÃO: EJA REGULAR

O terceiro projeto implementado pelo Colégio de Aplicação da UFRGS foi a EJA Regular, projeto iniciado no segundo semestre do ano de 2008 com funcionamento noturno. Diferente dos projetos anteriores, a EJA Regular passou a ofertar não somente o Ensino Médio, como também o Ensino Fundamental e a Alfabetização, como eram objetivos já pensados anteriormente, mas não possíveis de ser realizados. Portanto, ao iniciar, o oferecimento da EJA Regular no Colégio de Aplicação três diferentes níveis semestrais receberam alunos: os anos iniciais do Ensino Fundamental (alfabetização), os anos finais do EF e o Ensino Médio.

Quanto à Alfabetização, os componentes curriculares são desenvolvidos pela pedagoga com auxílio de algumas especializadas que oferecem oficinas. Para as séries finais do Ensino Fundamental os Componentes Curriculares foram criados a partir da intenção de promover a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, foram estruturados em blocos: Comunicação inclui Língua Portuguesa e Letramento Literário e Espanhol; Ciências Exatas e da Natureza é composto por Matemática e Ciências, Humanidades inclui História, Geografia e Expressão e Movimento inclui Teatro, Educação Musical, Educação Física e

Cultura Digital. Também aparece entre as disciplinas oferecidas o Projeto de Investigação que é uma disciplina de pesquisa que busca a iniciação científica dos alunos e é oferecida por um grupo de professores.

Para o Ensino Médio os Blocos são os mesmos, mas as disciplinas que os compõem são outras: Comunicação inclui Língua Portuguesa e Literatura, Espanhol e Inglês; Ciências Exatas e da Natureza: Matemática, Química, Física e Biologia, Humanidades: História, Geografia, Filosofia e Sociologia; Expressão e Movimento: Teatro, Educação Musical, Educação Física e Cultura Digital.

O grupo de professores organizou o horário de acordo com a disponibilidade do momento, pois os mesmos docentes deveriam atender várias turmas de níveis diferentes. Esta estrutura que permaneceu do ano de 2008 a 2012, quando foi possível distribuir os horários por blocos, isto é, cada bloco passou a ser responsável por uma noite da semana. A quinta noite então foi dedicada às oficinas e ao Projeto de Investigação que são disciplinas eletivas e possuem um caráter diferenciado de avaliação.



Foto do grupo da EJA (três turmas do noturno e professores) em uma aula de Projeto de Investigação.
Fonte: arquivo pessoal da professora.

As oficinas permitem aos educandos a inscrição de acordo com seus próprios interesses entre uma das quatro opções semanais (cada Bloco oferece uma oficina por semana) e têm como objetivo o desenvolvimento de pensamento crítico. Já os Projetos de Investigação possuem um caráter obrigatório, todo aluno deve estar inserido em alguma pesquisa, assim como também atingir aprovação para então progredir de nível. No entanto, o aluno tem total liberdade para escolher a temática que quer investigar, e o professor que será seu orientador na pesquisa e o acompanhará durante todo o semestre, tanto para a elaboração do projeto, quanto para a sua construção.

A proposta curricular do projeto foi fundamentada em Paulo Freire, importante teórico e educador brasileiro na área da educação popular. Este autor trabalhou com a questão do ato de ler, propondo que a leitura não se limita à palavra, mas a extrapola, entrelaçando, a leitura da palavra e a leitura do mundo, motivo pelo qual a educação deve possuir um caráter crítico, quanto à sociedade na qual o educando está inserido.

Assim, quando há demanda da população e condições da escola, o CAp tem oferecido turmas de Alfabetização, Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de EJA, desde 2008 até 2016. Portanto, a cada semestre o número de turmas e de alunos atendidos varia.

	EF1	EF2	EF3	EF4	EM1	EM2	EM3	Totais
Nº de turmas oferecidas no período	6	5	6	6	18	17	16	74
Nº alunos atendidos no período	24	32	119	122	551	538	420	1806

Dados informativos da Secretaria e do NAE do CAp.

4ª SESSÃO: CLASSE DE ACELERAÇÃO DE ESTUDOS

O projeto Classe de Aceleração de Estudos teve seu início no mês de agosto do ano de 2013 e se constituiu em um curso com características próprias asseguradas pela legislação embasada na LDB 9394 de 1996 que assegura às escolas o oferecimento desta modalidade de ensino para garantir o acesso de grupos populacionais em situação de necessidade de estudo.

A evidência desta necessidade dentro da própria Universidade surgiu a partir de uma pesquisa feita pela Escola de Desenvolvimento da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

(EDUFRGS) que constatou um alto índice de servidores com ensino básico incompleto. Os índices apontados chegaram ao total de 17,64%, o que representava 455 indivíduos, na data anterior ao início do curso.

Cabe destacar que eventualmente algumas pessoas procuravam o Colégio de Aplicação para saber se tinha EJA para este nível de escolarização durante o dia, mas não havia número que chegasse a formar uma turma de alunos. Então, quando se formou um grupo de servidores interessados, divulgou-se um edital para a comunidade abrindo-se vagas a todos e formou-se uma turma.

Nas décadas de 1980 e 1990 houve um programa semelhante, o PEFJAT (Programa de Ensino Fundamental para Jovens e Adultos Trabalhadores), oferecido pela Faculdade de Educação com parceria da Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Associação dos Servidores da UFRGS (ASSUFRGS) com o objetivo de formação dos servidores. Podemos, inclusive, destacar que aquele projeto teve continuidade no Ensino Médio no Colégio de Aplicação com o PEMJAT, já mencionado anteriormente, no início do capítulo. Ambos os programas foram desativados em função de alterações na legislação brasileira.

O projeto Classe de Aceleração de Estudos é uma extensão da modalidade Educação de Jovens e já existente no Colégio como um curso Regular. No entanto, algumas adequações se fizeram necessárias, e para isso, outro projeto foi elaborado pela Professora Dra. Juçara Benvenuti, o qual foi devidamente aprovado pelo conselho de unidade do Colégio de Aplicação.

Este projeto propôs práticas educativas inovadoras, visando ampliar o conhecimento de mundo, qualificar a ação do servidor no trabalho, bem como sua qualidade de vida, respeitando o tempo individual e coletivo para aprendizagem deste educando. O projeto se preocupou em contemplar tanto a dimensão individual quanto a dimensão coletiva e social do cidadão em formação.

Para que fosse possível uma prática pedagógica consciente, colaborativa e eficaz, tanto os docentes quanto a instituição se propuseram a seguir princípios básicos, sendo eles: respeito à individualidade do aluno, levando em consideração seu ritmo próprio de aprendizagem, oportunizando-lhe o desenvolvimento de habilidades; programa de ensino organizado em etapas de complexidade crescente; estabelecimento de um processo educativo cuja sistemática privilegiasse ações interdisciplinares e projetos de investigação; proposição de alternativas pedagógicas que contemplassem a terminalidade escolar e a construção de habilidades e competências necessárias para a qualificação da sua ação na sociedade; inserção, no currículo, de aspectos fundamentais da cultura geral e local, valorizando os

conhecimentos científicos, históricos e artísticos; valorização da convivência entre os educandos, entre educandos e educadores, estagiários, bolsistas e pesquisadores em diferentes situações; e valorização dos saberes e de experiências de vida trazidas pelos discentes e docentes no processo de construção do conhecimento escolarizado.

As características que diferenciaram o projeto das turmas regulares da EJA ficaram por conta da temporalidade para o curso, desvinculando do número de horas, mas atendendo à capacitação dos indivíduos e qualificação para o mundo do trabalho e para a vida pessoal. Assim, o grupo que iniciou em 2013 fez dois semestres de escolarização referente ao Ensino Fundamental, equivalente às séries finais, em seguida ingressou no Ensino Médio, fez três semestres, terminando em dezembro de 2015.

O horário das aulas foi negociado com o grupo de estudantes e professores para melhor atender a todos. Assim surgiu a ideia do turno vespertino, as aulas foram das 16h às 19h. Os espaços para aulas também precisaram ser atentamente escolhidos, pois atividades diferenciadas foram oferecidas e não poderiam ocorrer nos mesmos horários que outras turmas da escola usavam as mesmas salas. Então, observavam-se os dias da semana de menor uso das salas para não chocar horários.

Além das aulas regulares de presença obrigatória de segunda a sexta, organizadas em blocos *Comunicação* (Português, Letramento Literário, Espanhol); *Ciências Exatas* (Ciências e Matemática); *Humanidades* (História e Geografia) e *Expressão e Movimento* (Educação Física, Música, Teatro); uma vez por semana ocorria uma oficina de Informática e uma aula de Projeto de Investigação (PI).

A oficina visava a instrumentalizar os alunos a usar a computador para qualificar suas ações enquanto servidores da universidade e usuários da rede disponibilizada pela escola. O PI foi um projeto construído na coletividade e desenvolvido pelos alunos: uma horta de produtos orgânicos que permanece até hoje na escola. Suas ações incluíram desde o planejamento do local, a distribuição dos canteiros, a escolha dos vegetais, saladas, ervas, frutas que foram plantadas, até a adubação, bem como manutenção e colheita. Todo o processo foi acompanhado por professores do Colégio de Aplicação, bolsistas de graduação e alguns voluntários da Faculdade de Agronomia.



Turma de alunos da EJA Vespertino (Classe de Aceleração de Estudos) trabalhando na horta no início do projeto. Fonte: Documentos e registros da Professora Juçara Benvenuti.

A classe de aceleração de estudos ainda recebeu estagiários de diversas licenciaturas para realizar práticas de ensino, observações e pesquisas, reforçando a integração do ensino do CAP com outras unidades da UFRGS e com a pesquisa na Universidade. Além disso, vinculou-se à Extensão através da oficina Escriteiras, oferecida por uma mestranda da FACED.

Em agosto de 2016 ingressou outra turma composta por servidores da universidade e pessoas da comunidade em geral para fazer o Ensino Fundamental, séries finais no turno vespertino. O projeto está em andamento.

REFERÊNCIAS

PACIEVITCH, [Thais](http://www.infoescola.com/redacao/resenha/). *Resenha*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/redacao/resenha/>>. Acesso em: 30 nov 2016.

3. AUTORIA NA EJA: TEXTO E MÍDIA

Joice Balbuena Iribarem¹¹
Juçara Benvenuti¹²
Maria Suely Fernandes¹³
Nathalia Helena Ferreira Pinheiro¹⁴
Tailene Santos Bernardes¹⁵

O objetivo deste capítulo é apresentar as produções dos alunos da EJA do Colégio de Aplicação, que são realizados semestralmente. Para organizar o capítulo, nós o dividimos em duas sessões, na primeira apresentamos os gêneros textuais e na segunda, os midiáticos.

Na primeira sessão apresentamos o grupo dos gêneros textuais, constituído pelas seguintes produções: redação escolar, fábula, charge e poesia. Além disso, temos os gêneros produzidos em textos e depois inseridos em outras formas de apresentação como os quadrinhos (HQ) e os códigos QRCode.

1ª SESSÃO: GÊNEROS TEXTUAIS

A Língua Portuguesa e a Literatura no Colégio de Aplicação têm por objetivo principal promover a capacitação dos alunos para a produção textual, seja de forma escrita ou oral. Para dar conta dessa tarefa o envolvimento dos alunos acontece em todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem. Isto é, os alunos participam da escolha dos temas a serem abordados nas aulas, debatem, redigem textos de gêneros variados de acordo com as propostas pensadas coletivamente. Após esse processo, o professor recolhe os textos e apresenta aos alunos sugestões individuais, para qualificar a produção. De volta ao aluno, procedemos a reescritura e a leitura para os colegas. O que vale ressaltar é que com a participação do aluno na escolha, escrita, reescrita e leitura, o protagonismo fica com o alunado, cabendo ao professor o papel de

¹¹ Graduanda em Letras – Licenciatura/UFRGS desde 2013/1. Bolsista de Iniciação Científica da Profª Drª Juçara Benvenuti no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: joice.balbuena@gmail.com

¹² Doutora em Linguística Aplicada. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação/UFRGS. Orientadora do Projeto de Investigação que elaborou o E-book: *A Chave para o Futuro*. E-mail: benvenuti@ufrgs.br

¹³ Aluna da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursando a turma EM3 (Ensino Médio – nível três). E-mail: tita78fernandes@gmail.com

¹⁴ Graduanda em Letras – Licenciatura/UFRGS desde 2014/1. Colaboradora no Projeto de Investigação. E-mail: nathalia.pinheiro@hotmail.com

¹⁵ Aluna da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursando a turma EM3 (Ensino Médio – nível três). E-mail: taylenasantos2411@gmail.com

guia. A produção assume um caráter diferenciado quando o aluno lê seu texto para a turma, e esta, opina, apresentando outros pontos de vista. Desta forma o aluno deixa de produzir um texto apenas para o professor, pois seus interlocutores serão seus colegas (GUEDES, 2014).

Reconhecidamente, o papel da escola é trabalhar com competências e habilidades que promovam a qualidade de vida do aluno. O aluno de EJA chega à escola com vivências e experiências significativas que lhe garantem o ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos, promovidos pela intertextualidade. Desta forma, a busca pela melhoria das suas condições sociais parte daquilo que é conhecido pelo aluno para chegar ao novo, como nos sugerem as novas teorias do ensino e os parâmetros curriculares nacionais.

A produção de discurso não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade (PCNs, 1997, 21).

Dentre as diferentes produções realizadas em sala de aula as redações escolares ocupam um espaço singular, porque instrumentalizam os alunos para a realização de provas como ENEM e vestibular, já que permitem que, em um pequeno texto, sejam verificados os elementos essenciais da argumentação como o domínio da norma padrão, coesão, coerência e demais competências linguísticas. Além disso, este trabalho também lhes permite desfrutar melhor do uso e das competências da linguagem em diferentes esferas sociais, como situações do dia a dia que lhes demanda conhecimentos de escrita como cartas de pedidos de emprego, cartas de demissão, anúncios, currículos para emprego, entrevistas, etc.

Para tais usos a redação é um texto dissertativo-argumentativo no qual o autor discorre sobre algum tema, utilizando-se de argumentos para defender um ponto de vista. A redação se configura também como um dos maiores receios dos alunos em turmas de Educação de Jovens e Adultos e lidar com a insegurança dele ao escrever tem sido um dos objetivos da prática pedagógica do CAp.

A seguir apresentamos algumas redações escritas pelos alunos da turma EM3 que são os alunos que já trabalharam a produção textual por dois semestres (equivalentes a EM1 e EM2 – 1º e 2º anos do Ensino Médio). Destacamos ainda que acontecem situações especiais de alunos reiniciarem seus estudos a partir do 2º ou mesmo do 3º, acompanhando apenas uma parte da metodologia proposta pela professora.

REDAÇÃO ESCOLAR

No segundo semestre de 2015 recebemos a professora em formação e estagiária Marina Marostica Finatto do Instituto de Letras da UFRGS que desenvolveu um trabalho focado na leitura e escrita com a turma da EJA do turno vespertino e participou da criação de um fanzine. O texto da página central foi redigido coletivamente e enfocou o Projeto de Investigação desenvolvido pela turma há cinco semestres: a horta. O texto foi o seguinte:

Com a união, colhemos frutos - Mãos que trabalham

A horta está localizada no Colégio de Aplicação, cercada por grades. Surgiu de um projeto que iniciou no segundo semestre de 2013, realizado pelos alunos da turma EF3. No decorrer de dois anos e meio começamos vários tipos de hortaliças saudáveis, mas começamos com alface, tomate, couve, beterraba e rabanete, com mudas trazidas pelos próprios alunos.

O clima é tão bom na horta que os quero-queros decidiram construir ninhos e ali ter seus filhotes. Dependemos do clima para a preparação dos canteiros e para a escolha do que se planta durante o ano inteiro. A cada colheita dos produtos cultivados, sentimos o orgulho da venda de um produto saudável oferecido para a comunidade do Colégio de Aplicação.

Trabalhamos na horta nas quartas-feiras, na disciplina de Projeto de Investigação. E ao chegarmos, sentimos o aroma das ervas, a qual predomina também dentro da sala de aula. O ambiente da horta é muito bom, pois observamos a harmonia dos colegas ao se encontrarem nas quartas-feiras para o cultivo. Com a horta, o grupo ficou mais unido.

Hoje, existem vários canteiros de dimensões diferenciadas com: três tipos de alface, tempero verde, repolho, couve-flor, cenoura, rúcula, alho-poró, rabanete, beterraba, abobrinha, tudo sem agrotóxicos e existem também árvores frutíferas e várias espécies de ervas medicinais. Os recursos para a manutenção da horta provêm da venda dos produtos.

Produção coletiva dos alunos: Adão José dos Santos e Silva, Anderlise Taborda Vargas, Andreara Dias Homem, Antônio Carlos Amaral dos Santos, Arlinda Dias, Carlos Milton Pereira Canquerini, Denis Jesus Nunes Ferreira, Gilberto Goncalves de Freitas, Ismael Goncalves Vieira, Jair Luiz Fernandes Roun, João Batista Costa da Silva, Jorge Luís Lopes Cardoso, Jose Eloir Soares, José Ozório Niza da Silva, Lino Cesar Martins da Silva, Luís Dejalma Narciso

Rodrigues, Luís Fernando Pinheiro da Silva, Marcelo Saraiva, Osvaldo Machado dos Santos, Rosângela Guerreiro Roldão, Sandra Marisete Martins Lara.

Apresentamos a seguir textos semelhantes aos causos gauchescos que foram produzidos em aula após o estudo realizado sobre o uso das diferenças das linguagens faladas no RS, especialmente a mais típica: gaudéria. O texto apresentado a seguir foi publicado no fanzine *Faces da EJA* de 2015/2 do turno da noite e é de autoria do casal Tatiana Marques e Flávio Coelho:

O Estilo de um Gaúcho

Depois de um dia de trabalho, o gaúcho chega em casa e grita para sua chinoca:

- Me faz um chimarrão bem apoiado e te aprocheiga, china veia, que vou te contar como foi a minha lida no campo. Aquele boi que me dava muito trabalho, consegui fazer com que ele acompanhasse a tropa e o dia foi satisfatório.

- Agora, minha patroa, deixa comigo esta lida do fogão que vou fazer pra nós um carreteiro de charque, bem cuiudo e depois vamos se ajojar nos nossos pelegos.

O texto apresentado a seguir foi produzido em sala de aula no primeiro semestre de 2016 e posteriormente publicado no fanzine *Construindo conhecimento*. Foi escrito por Samuel Dias de Oliveira.

Comunidade Gaúcha

Ser gaúcho é uma dádiva, viver nessa terra de guerreiros não tem igual!

Dizem que o sol nasce, mas parece que ele brilha com mais vontade em nossas terras, com lindos campos verdes, saborear o churrasco de domingo e tomar um amargo chimarrão, só pode ser uma coisa dos céus.

Rio Grande do Sul, terra de lindas mulheres e homens maravilhosos. Lugar de pessoas hospitaleiras que sempre recebem bem todos que aqui chegam e acolhe com carinho aqueles que resolvem ficar pelos pagos gaúchos, daqui fazendo uma morada.

Nossa cultura açoriana, o trabalho da tecelagem em lã, o traje tipicamente gaúcho, a bravura de homens e mulheres que são guerreiros por natureza, isso e muito mais se encontra aqui em nossa terra.

Claro, eu não poderia deixar de citar o futebol gaúcho, né, que é muito bem representado pelos times Internacional e Grêmio. Mesmo sendo torcedor fanático do Inter, colorado de coração, perna, joelho, braço, nariz... é preciso reconhecer que são dois gigantes e dão seus respectivos shows, quando estão em campo.

Parabéns ao nosso Rio Grande do Sul e a todos os gaúchos e gaúchas, afinal “povo que não tem virtude acaba por ser escravo” e que “sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra”.

No segundo semestre de 2016 o grupo de alunos ao fazer as escolhas dos temas para os debates em aula e consequentes produções textuais optou pelos seguintes assuntos: religião (diferentes religiões e espiritualidade), violência doméstica e suas implicações na família e mercado negro e sociedade. Apresentamos a seguir um texto de cada uma dessas temáticas, com a identificação de seu autor, os quais foram publicados no fanzine *PASSEI EJA ERA* do final do ano de 2016. O primeiro texto foi escrito por Cátia Gabrieli Fernandes Fagundes Ibias:

Umbanda Kardecista e suas práticas

Serão abordadas nesta redação as práticas da religião Umbanda Kardecista. Esta religião ao longo dos anos une forças com a doutrina espírita.

A Umbanda tem como princípio adorar caboclos e exus, entidades que através de médiuns são invocados para trabalhos de força e proteção. Uma vez que um médium Umbandista se inicia, portas são abertas para o mundo espiritual podendo duas vezes na semana receber em seus corpos mediúnicos médicos espirituais, que podem esperar e orientar visitantes do centro de Umbanda.

Em diversos momentos, podemos notar que o Kardecismo não é de conhecimento público, especialmente sobre o fato de ser uma doutrina ou ser uma religião. Acredito que a sociedade precisa de maiores informações sobre a diferença entre religião Umbandista e doutrina Kardecista.

Sendo assim, a própria Umbanda tenta explicar através de livros esta diferença e sua união. Em minha opinião, este assunto deve ser abordado em salas de aula, para transmitir conhecimento do assunto aos jovens alunos.

A seguir apresentamos o texto de Mônica Langoni:

Ser mulher é um luxo, não um lixo

Na atualidade, em razão de vários fatos ocorridos no Brasil, temos presenciado o aumento da violência doméstica. Ela pode ser cometida de várias formas e não só através da violência física.

A violência pode ocorrer, por exemplo, quando o marido priva a esposa de sair, visitar familiares ou até mesmo ir ao mercado.

O perfil do agressor é caracterizado por autoritarismo, falta de paciência, irritabilidade, grosserias, xingamentos ou espancamento.

A violência vem também através de agressão psíquica; a pessoa é tão desmoralizada a ponto de sentir-se mal, acuada e entrar em uma depressão profunda.

Um dos grandes fatores que favorece a violência doméstica e a desestrutura das famílias é o fato de mães jovens, que mal conhecem seus parceiros, assumirem relacionamentos tornando-se assim refém destes abusadores.

A solução para isso seria mais apoio para essas mulheres; já na primeira queixa ou constatação de violência, os agressores deveriam ser presos e se não houvesse vagas deveriam prestar serviço comunitário por três anos e ainda fazer doação de cesta básica todo mês para a mulher agredida além, é claro de manter-se afastado.

O terceiro texto apresentado foi escrito por Nathália Vieira da Silva:

Um mercado cada vez mais desconhecido

O mercado negro é a parte da economia que envolve vendas, serviços e produtos ilegais, no mercado negro podemos encontrar diferentes tipos de produtos como: roupas, sapatos, eletrônicos, todos eles produtos piratas.

Hoje conhecemos dois tipos de mercado negro, aquele em que os ambulantes praticam na rua e o outro encontrado na internet profunda, também conhecida como *Deep Web*. O das ruas, são vendedores que comercializam, não só dvd's e cd's pirateados, mas também produtos como relógios, brinquedos e eletrônicos. Na *Deep Web*, não encontramos apenas produtos, mas também matadores de aluguel e órgãos humanos, em alguns sites são vendidas até crianças.

Neste tipo de sites mais obscuros do mercado negro, não são quaisquer pessoas que têm acesso, muitos *serial killers*, psicopatas e terroristas acessam este mercado para vender suas vítimas ou os órgãos de suas vítimas. Departamentos de inteligências como a CIA e o FBI, sempre estão em constante alerta para tentar prender esses criminosos.

O grande problema apresentado pelo mercado negro é a fácil circulação de produtos e pessoas, isto ocorre porque basta ser hacker para ter acesso a diferentes produtos ilegais. Uma solução seria os grandes departamentos de inteligência, tentarem ter mais controle de quem entra e quem sai, e que tipos de produtos estão sendo vendidos neste mercado.

FÁBULA

Uma fábula é uma história de caráter moral e alegórico, com personagens representados por animais ou mitos, que através dos diálogos e representações de ações próprias dos seres humanos vivenciam situações nas quais o autor quer transmitir alguma lição moral aos homens. A fábula se divide em duas partes: a história (o que aconteceu) e a moral (o significado da história).

O comportamento antropomórfico (semelhante ao dos seres humanos) dos animais representam tipos humanos, como o egoísta, o ingênuo, o espertalhão, o vaidoso, o mentiroso, entre outros.

A maioria dos estudos aponta a fábula como um gênero narrativo surgido no Oriente no século V a.C. Atribui-se a criação dos primeiros textos deste gênero a Esopo, que viveu na Grécia. Com o passar dos tempos a fábula quase não teve alterações, mas recebeu pequenos ajustes de acordo com as culturas por onde foi circulando. Assim é possível dizer que no primeiro dos três períodos, a fábula oriental, destacava a moralidade como a parte fundamental; no segundo período a fábula caracterizava-se pelas inovações do fabulista latino Fedro (15 a.C. - 50 d.C.), que fixou a forma literária do gênero, escrevendo sátiras em versos e no terceiro período a fábula incluiu todos os fabulistas modernos, destacando-se Jean de La Fontaine

(1621 - 1695). No Brasil, Monteiro Lobato (século XX) foi quem as recriou. Mais recentemente, Millôr Fernandes, escritor carioca, recriou as antigas fábulas de Esopo e La Fontaine, de forma satírica e engraçada.

Atualmente podemos dizer que a fábula é uma narrativa alegórica em prosa ou verso que tem temática bastante variada como, por exemplo, a vitória da inteligência sobre a força, a derrota dos orgulhosos etc.; apresenta aspectos, virtudes, qualidades e defeitos do caráter do homem, através do comportamento dos animais; encontramos várias versões de uma mesma história; pode ser transmitida transmitido por escrita ou oralmente; possui “personagens tipo”, pois representam o comportamento de um conjunto de pessoas e não de forma individualizada. Alguns exemplos são a cigarra (representa os irresponsáveis) e a formiga (representando o grupo dos trabalhadores); mantém lição moral no final da história.

Apresentamos a seguir uma fábula produzida pelo grupo de PI da EJA, no dia 6 de novembro de 2015. Autoras: Luciane Talita Mesquerena, Maria Suely Fernandes, Mônica Langoni e Tailene Santos Bernardes.

O lobo comilão e o pássaro sabichão

Ao ver um lobo comendo desesperadamente, um pássaro que por ali passava, pergunta:

- Oi amigo, tu realmente precisas comer tudo isso?

Responde o lobo: - Mas é claro! Bem se vê que tu não entendes nada de comida.

O pássaro diz: - Você está redondamente enganado. Entendo sim! Como o necessário para ter energia e viver bem.

O lobo continua: - A que energia te referes se é tão pequeno que cabes na minha boca?

O pássaro retruca: - Sou mais rápido e veloz que você. Antes que você pense em abrir a boca para me devorar, bem longe vou estar! Quero ver você me alcançar!

Moral da história: Coma para viver e não viva para comer!

CHARGE

A produção dos alunos envolveu, ainda, o gênero charge, que tem por objetivo realizar uma crítica social. A charge é veiculada pela imprensa, principalmente pelos jornais, e tem como tema algum acontecimento atualizado, frequentemente de teor político-social ou econômico. Devido a sua relação intrínseca com a realidade, em poucas palavras e imagens, o chargista alcança seu objetivo. Isso configura à charge um caráter essencialmente intertextual, uma vez que a construção de sentido só pode ser feita através da relação com a sociedade (CÂMARA, 2005).

O aluno tem a sua visão sobre a realidade do seu país ou do lugar onde vive, pois ocupa vários lugares na sociedade; já que, além de aluno, ele também é pai ou mãe, trabalhador ou trabalhadora, filho ou filha, cidadão ou cidadã, morador ou moradora de determinado bairro. O texto e a imagem da charge permitem a verbalização de sentimentos sufocados, abafados que de outra forma, muitas vezes, não seriam expressos.

Há um processo significativo de aprendizagem a partir do momento em que o aluno pode se torna autor da sua própria charge, construindo seu texto e criando uma imagem para representar suas ideias a cerca de algum tema que lhe comove ou toca sua subjetividade, sua individualidade. A produção da charge, portanto, agregando texto e imagem, ou deixando implícita a expressão textual, possibilita infinitas abordagens semânticas sobre determinadas temáticas, veiculando críticas, sátiras ou simples tiradas humorísticas.

A charge também é conhecida como caricatura ou cartum, apesar de ter diferenças bem sutis entre esses termos. Assim, a charge, quase sempre inclui o recurso à caricatura, mas isso não é obrigatório, em geral em um único quadro, conta uma historinha, uma situação, tem contexto, costuma vir com um esboço de cenário e, com frequência, recorre a balões ou legendas.

A caricatura exagera nos traços dos personagens com objetivo crítico e cômico. Nesse sentido é estática, não precisa contextualizar nada ou contar história alguma. Basta brincar com as características físicas daquele personagem que foi referido.

Cartum, quando não é empregada como sinônimo das outras duas, pode querer dizer o mesmo que história em quadrinhos – em especial HQ, gênero tradicional na imprensa, também chamado tirinha, que conta uma história em poucos quadros, geralmente três (abordado mais adiante).

Apresentamos a seguir uma charge produzida e publicada no Jornal do PI pelos alunos da EJA no primeiro semestre de 2016.



POESIA

Alda Beraldo em seu livro *Trabalhando com poesia*, editado pela Ática, afirma que “muitas pessoas já definiram ou tentaram definir” este gênero textual. Mas, continua a professora, “não é simples, não. Na verdade, definir não é o que mais importa. Mais importante é conviver com a poesia: lendo, sentindo, discutindo, tentando a criação”. (BERALDO, 1990).

Caracterizada por se apresentar frequentemente em versos e estrofes, possuir rimas, tratar de assuntos relacionados à subjetividade artística do indivíduo, a poesia é uma arte que tem sua origem na oralidade, isto é, ela nasceu antes da escrita. Os recursos da rima e da repetição eram usados com a finalidade de facilitar a memorização e a transmissão oral nas sociedades antigas e pré-históricas.

Algumas das mais remotas e mais conhecidas obras em versos datam de aproximadamente VIII a. C., assim são a *Odisséia* e a *Ilíada*, juntamente com a *Eneida* (I a. C.). Ainda sim, há obras mais antigas, porém menos conhecidas, como a *Epopeia de Gilgamesh*, originada na Suméria (na antiga Mesopotâmia, atual Iraque) que data de 3000 a. C.

A poesia como gênero textual trabalhado na escola se caracteriza por apresentar versos estruturados de forma harmoniosa, sendo uma composição estética que desperta sentimento nos leitores. Tradicionalmente a criação de poesia apresentava alguns requisitos que hoje se tornaram mais livres, como ritmo, métrica e rimas.

Após conhecermos estas características e nos encantarmos com os poemas que as ilustram, passamos a conhecer as poesias mais recentes que inovaram nas manifestações artísticas desde a virada do século XX, trazendo a liberdade à criação literária.

O poema, então, como obra de arte, tem características próprias. A seleção e a combinação das palavras, muitas vezes, ocorre mais pela sonoridade do que pela significação. Isto garante ao texto poético a produção de mais de um sentido, isto é, a plurissignificação. Norma Goldstein nos ensina que:

O texto literário talvez seja aquele que mais se aproxima do sentido etimológico da palavra “texto”: entrelaçamento, tecido. Como “tecido de palavras”, o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se percebe o entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou seja: geralmente, ele permite mais de uma interpretação. Dada a plurissignificação inerente ao poema, a soma das várias interpretações seria o ideal (1989, p. 6).

Desta forma, a poesia nas aulas da EJA tem os seguintes objetivos principais: favorecer a fruição do texto poético, estimular a leitura e escritura, familiarizar o aluno com a linguagem mais elaborada e enriquecer a sensibilidade do aluno.

A seguir apresentamos algumas das produções poéticas realizadas em sala de aula. A primeira poesia apresentada *EJA foi escrita por* Tatiana Mércio, recebeu o primeiro lugar no Concurso Literário do Colégio de Aplicação no ano de 2013 na categoria adulto na modalidade poesia e foi publicada junto com outros textos dos alunos da EJA, no primeiro fanzine produzido no ano de 2013.

EJA
Um sonho
com os olhos abertos
no travesseiro da vivência
coberto pelo aconchego
da esperança
EJA
CAPacitando vidas...

O próximo poema também foi publicado no fanzine de 2013, e foi escrito por Alvorino Moreira de Camargo:

Poema praia

Aqui nesta praia
Não há nenhum vestígio de impureza
Aqui onde há somente
Ondas batendo ininterruptamente.
Puro espaço e lúcida umidade.
Onde o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.

A poesia apresentada a seguir foi escrita por Herondina Maciel Vieira e publicada pela primeira vez no fanzine de 2013.

Sonho de criança

Quando era criança,
Tinha o sonho de poder estudar
num colégio bom,
Onde os professores fossem valorizados
como mestres que são!
E elegante queria eu ser, igual a eles.
Bonitos e sábios.
Mas não tive esse privilégio.

Quando criança tinha que trabalhar
Cuidar dos meus irmãos menores,
Já que meus pais trabalhavam na roça
E não havia escolas.

Enfim, cresci, casei e tive filhos,
Batalhei para que pudessem ter
a educação que não tive
E ali o meu sonho guardadinho,
Esperando um colégio bom e

com professores que fossem mestres.

Um belo dia, um anjo me avisou
que havia o CAp
Possuidor de todos esses atributos e
que lá eu poderia estudar,
ter uma nova chance!

Aliás, para que estudar nessa idade velha?
"Tu vai querer te meter com os mais novos,
que sabem mais que tu?"
- Não, fica em casa.

Mas, pensei: se é EJA não tem idade,
Então, vamos lá estudar,
Afinal, conhecimento nunca é demais.

O texto apresentado a seguir fez parte do fanzine 2016/1, intitulado *Construindo Conhecimento*. As produções foram desencadeadas após estudos sobre usos da linguagem, com destaque aos diferentes linguajares do nosso estado. O primeiro texto apresentado foi escrito por Simone Costa:

Meu Pago

Sobre o meu pago, o que falar?
Terra bendita, repleta de prenda e peão
Pingos, cuscos, churrasco e chimarrão!

De laço a tiracolo, a gurizada a camperiar
Cavalo mango pronto a cancha reta enfrentar.
Nas festas campeiras as prendas a dançar
Boa música para completar!

A gurizada faceira a festejar

O hino e a bandeira não vão faltar!

A produção a seguir foi baseada no estudo do texto *Retrato de família* de Carlos Drummond de Andrade e fez parte do Fanzine de 2016/1 - *Construindo Conhecimento*. Elidiane Müller Maciel é a autora da poesia a seguir apresentada:

Na Família

Quando a família se reúne
Tudo vira festa
Vira bagunça
Vira conversa.

Já foi pequena,
Hoje aumentou.
A divisão provocou
Multiplicação!

Foi se criando uma nova história,
uma nova perspectiva,
novas ideias, novos rumos.

Hoje somos duas famílias:
a família de minha mãe,
a família que meu pai formou.
Mesmo assim não deixamos
de ser uma só família!

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ)

Em meados do século XIX, com as histórias de Busch e de Topffer na Europa nasciam os precursores dos HQs, consolidados por Richard Outcault através de *O Menino Amarelo* publicado no New York Times. Desde então os quadrinhos têm se desenvolvido e circulado mundialmente, recebendo publicações exclusivas, estilos próprios e atingiram recentemente o mundo virtual.

A visualização dos quadrinhos permite identificação rápida, devido a suas peculiaridades, como quadros, balões, desenhos. No entanto,

enxergar uma história em quadrinhos como texto implica trabalhar com uma acepção de texto mais abrangente, que inclua o diálogo entre diferentes códigos, do visual ao verbal escrito. É algo que vem sendo chamado de texto multimodal ou multissemiótico (RAMOS, p. 105).

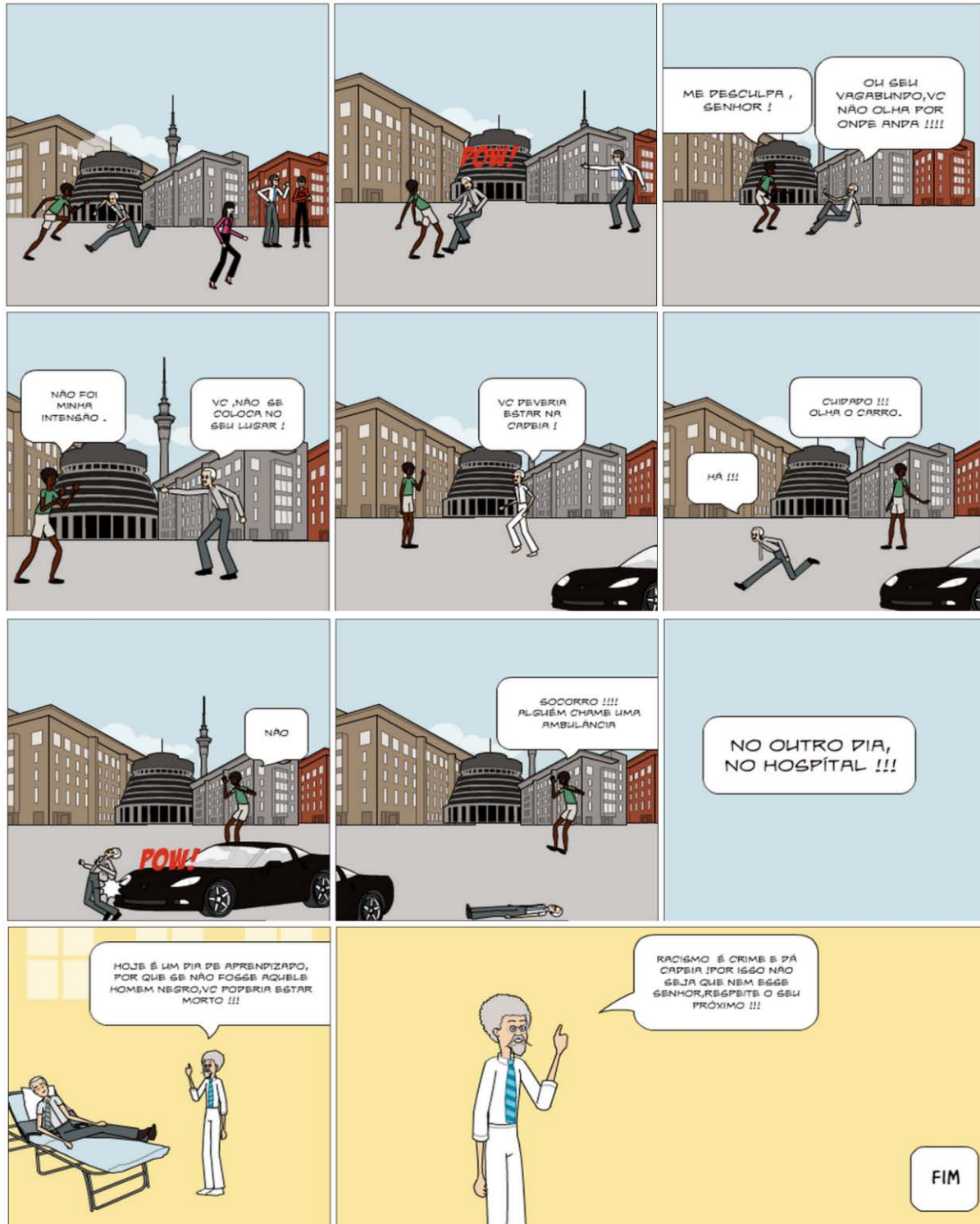
Esta linguagem exige familiaridade, conhecimento explícito e implícito das informações do texto e estratégias para a produção de sentidos. As habilidades de leitura destes gêneros textuais são esperadas nos alunos de ensino médio e testadas nas provas de ENEM desde 1999, como se pode verificar, já que ocorreram charges, cartuns e tiras cômicas (três gêneros dos quadrinhos) nas provas de redação e em testes de diferentes disciplinas do exame nacional.

HQ pode ser caracterizada como uma história em quadrinhos, apresentada em gibi ou revistinha. É uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. Tal modalidade insere-se entre os textos com os quais comumente convivemos. Compõem o quadro dos chamados textos narrativos por apresentarem características semelhantes às da narração, como personagens, espaço, tempo, enredo e se caracterizam por uma sequência de ações.

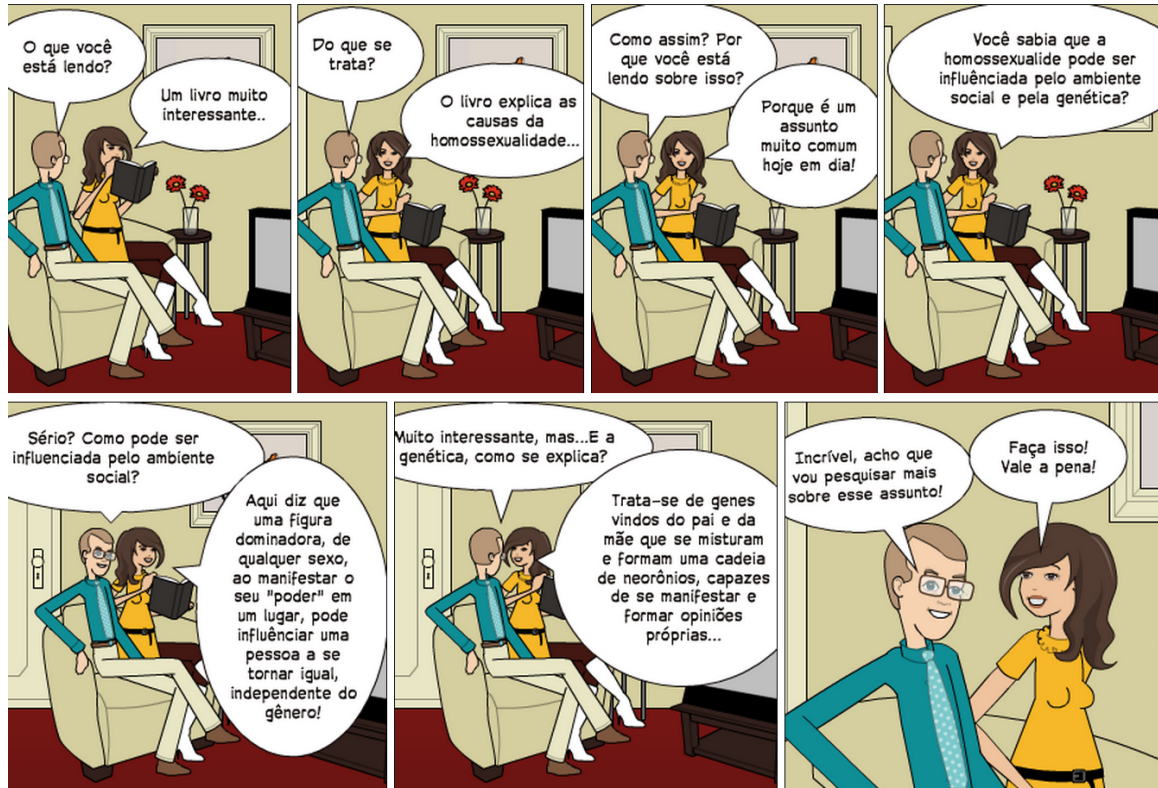
Apenas diferem-se pelo fato de que, ao invés do narrador, o diálogo é retratado de forma direta, representado em forma de balões, uma composição gráfica, em consonância com uma linguagem não verbal, na qual as imagens representam um papel de destaque, de modo a promover a interação entre os interlocutores por meio de uma relação de causa e efeito. Em alguns casos a linguagem é bastante reduzida, permitindo à imagem o predomínio na busca do sentido, não raro exclusivamente.

Para desempenhar a tarefa de criação de tirinhas ou HQs os alunos são orientados pelas professoras de Língua Portuguesa e de Cultura Digital com o apoio dos bolsistas. Em primeiro lugar, em uma aula de Língua Portuguesa recebem orientação acerca dos HQs, realizando um estudo sobre os elementos que compõem os quadrinhos, como: tipos de balões, legendas, personagens, passagem de tempo, uso dos espaços, uso de interjeições, onomatopeias, recursos de linguagem, etc. Em outra aula, eles fazem leituras e pesquisa sobre os elementos dos quadrinhos. Após, os alunos criam os roteiros de suas histórias. A seguir, recebem orientações sobre o recurso que irão usar no computador para criar os quadrinhos: Pixton (escolhemos este recurso porque é gratuito e muito intuitivo, portanto fácil de usar). Só

então, em aula seguinte de Cultura Digital é que os quadrinhos serão criados, com a ajuda dos bolsistas e professores. A tirinha a seguir foi escrita por uma aluna que não quis se identificar e usou um pseudônimo: Zina da Xurupita e intitulou o texto *Racismo*.



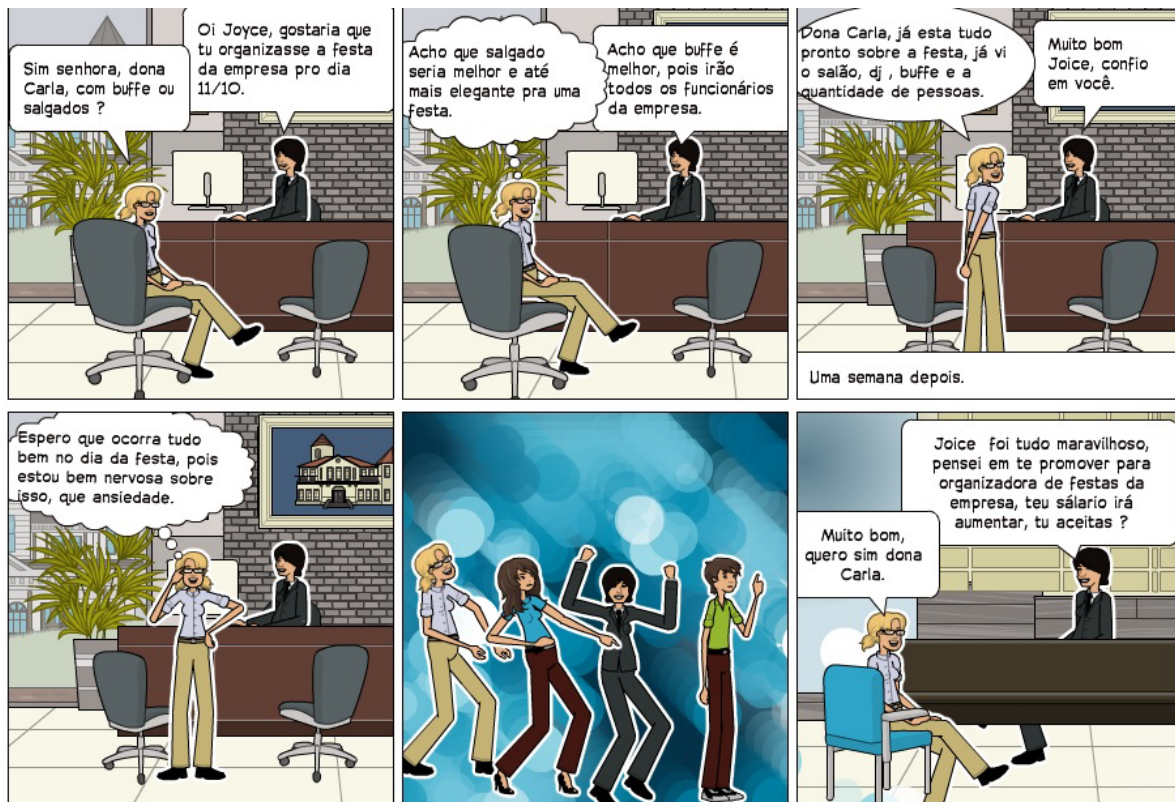
Isabel Araújo produziu a tirinha apresentada a seguir com o título *Causas da homossexualidade*.



Apresentamos a seguir a tirinha intitulada *Caminhada* criada por Wilsom Barreto Ignácio:



A seguir a tirinha intitulada *Festa da Empresa* criada por Raphaela Bruschi:



Alef Lima criou a tirinha apresentada a seguir com o título *Entrevista de emprego*:



QR CODE

Do inglês Quick Response a sigla QR corresponde a um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado por um telefone celular equipados com câmera, por Ipad ou tablets. O código é convertido em texto (interativo), um endereço URL, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS. Por esta razão o QR Code pode ser usado para várias finalidades, como catalogar peças na produção de veículos, gerenciar inventários e controle de estoques no comércio e indústria, propagandas de revistas, registro de endereços, cartões de visitas e até em notas fiscais.

Além da informação desejada (por exemplo uma URL), o código QR armazena dados que garantem sua leitura mesmo se houver algum dano no próprio código. Por exemplo se o código for rasurado, rasgado ou mal copiado em parte. A capacidade de armazenamento depende da versão utilizada, mas o código pode ser usado para números, letras ou bits.

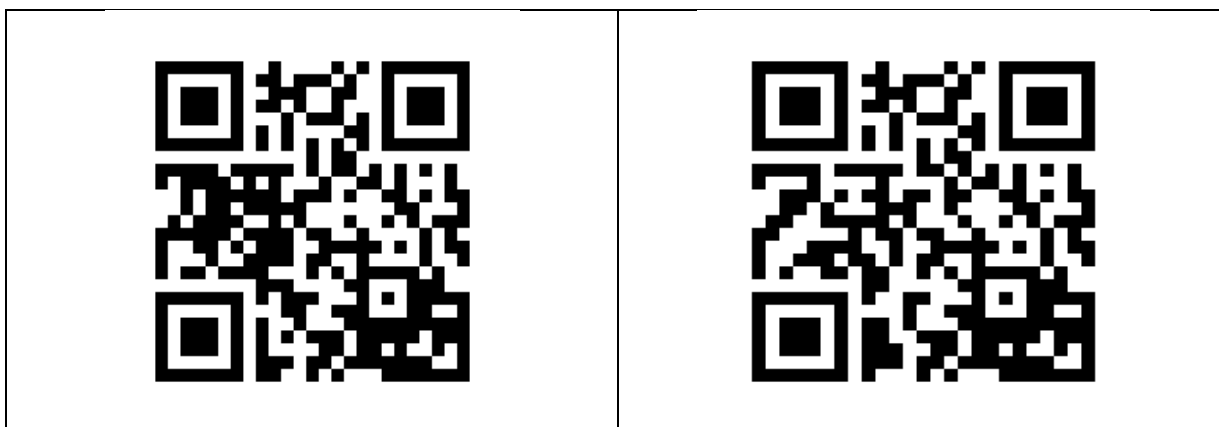
A seguir, exemplos de atividades dos alunos convertidas em Código QR, as quais foram postadas na Pinterest para garantir o acesso na hora da decodificação.

Personagens criados por alunos da EM3 - 1º semestre de 2013

Os alunos assistiram ao vídeo de uma propaganda de papel higiênico mostrando como certos tipos de papel não podem ser substituídos pela tecnologia. Cada QR code abaixo está atribuído a um personagem criado por algum aluno.

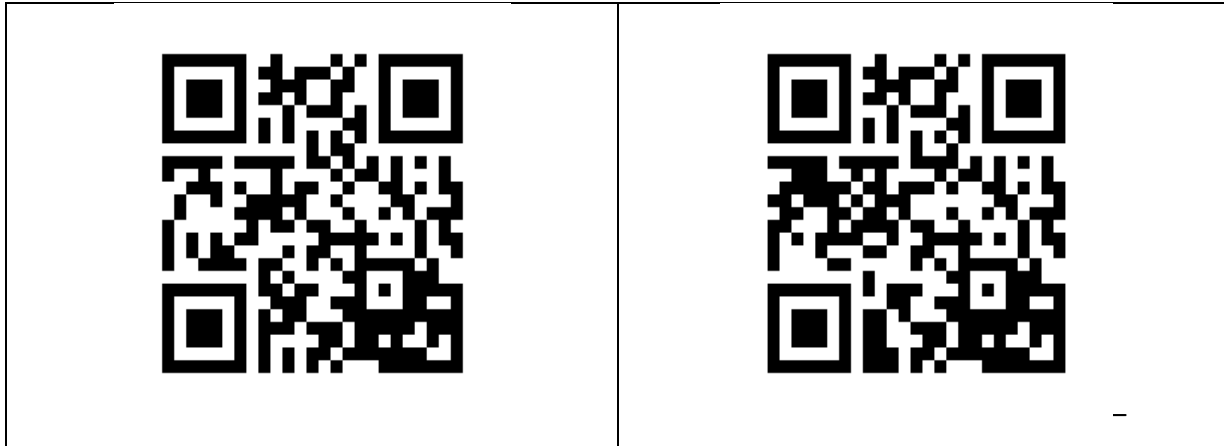


Os textos a seguir foram publicados no fanzine de 2016/2 e são produções textuais sobre diferentes temas, todos discutidos e escritos em aula e escolhidos pelos próprios alunos. Os autores e os temas são identificados junto com o código; com a decodificação do QRCode é possível ler o texto completo com o título.



O código de cima da esquerda corresponde ao texto da aluna Lisiane Lucas Rosa e foi baseado na discussão feita sobre a violência doméstica. O código de cima da direita

corresponde ao texto da aluna Tailene Santos Bernardes e foi baseado na discussão sobre religiões e espiritualidade.



O código de cima da esquerda corresponde ao texto do aluno Henrique Pereira de Oliveira e foi baseado na discussão feita sobre religiões e espiritualidade. O código de cima da direita corresponde ao texto do aluno João Batista de Bitencourt e foi baseado na discussão sobre mercado negro e suas implicações na sociedade.

2ª SESSÃO: GÊNEROS MIDIÁTICOS

A segunda sessão deste capítulo é constituída pelos gêneros de mídia produzidos pela EJA, quais sejam: radionovela, avatar (Voki) e os videoclipes.

RADIONOVELA

A raiz da radionovela está relacionada à palavra novela, gênero literário de narração em prosa, também conhecido como romance (em inglês, *novel*). Assim como o romance, a radionovela é uma obra de ficção, com a particularidade de que, diferente da literária, que se constrói pela palavra escrita, esta se constitui através de som e áudio. A radionovela é uma parte do que foi a cultura no país, principalmente na década de 40, quando chegava à casa dos brasileiros através do rádio.

Permitir que os alunos tenham uma experiência sonora significativa, além de contextualizar uma época marcante para a mídia brasileira é um momento singular para sua

aprendizagem. O trabalho para a produção das radionovelas em aulas requer o envolvimento do aluno em diversas atividades que se vão complementando para atingir os objetivos: como não há imagens, os atores devem se esmerar na representação sonora, nos diálogos e efeitos sonoros.

A primeira radionovela transmitida no país foi *Em busca da felicidade*, a qual iniciou em 12 de julho de 1941. Ela foi transmitida durante 3 anos pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e em um período de apenas três anos (1943 a 1945), estima-se que a Rádio tenha transmitido 116 radionovelas. Isso se deve ao fato de que nos anos 40 o rádio se tornou um produto acessível para muitos, e o espaço que hoje as telenovelas têm na mídia era anteriormente ocupado pelas radionovelas. A radionovela mais famosa da era de ouro foi *O Direito de Nascer*, que foi ao ar em 1951 pela Rádio Nacional, com texto original de Félix Caignet e tradução e adaptação de Eurico Silva, cujo original possuía 314 capítulos, o que correspondia a três anos no ar.

Não há um consenso exato sobre as influências que teriam dado origem ao gênero, mas destacam-se a inspiração em peças de teatro e concertos, com o intuito de fazer adaptações para o rádio, e a importação e tradução de scripts mexicanos e cubanos ao país.

Apresentamos a seguir algumas radionovelas produzidas pelas turmas da EJA. O primeiro grupo de radionovelas apresenta seis produções elaboradas em 2014: *Amanhecer na fazenda*, *Balada segura*, *Coração dividido*, *Jogo do copo*, *O Mistério da ilha*, *Profissão repórter*. Para acessar qualquer uma delas é necessário abrir o link indicado abaixo.

Disponíveis em

<http://aplicacaoveja.pbworks.com/w/page/112870978/Radionovelas%20EJA%202014>.

Outras radionovelas produzidas em 2015 podem ser acessadas no link abaixo. Seus títulos são os seguintes: *A herança maldita*, *Dança da chuva*, *Grupo Guilherme*, *Luuu*.

Disponíveis em

<http://aplicacaoveja.pbworks.com/w/page/106077495/radionovelas2015-1>

AVATAR

De origem religiosa, a palavra avatar vem do Hinduísmo. Hoje este termo também faz parte do campo semântico da informática, pois se trata da manifestação corporal de alguém no espaço cibernético, como representação de um personagem. Esta é a forma de as pessoas fazerem parte do mundo cibernético, estarem dentro do espaço virtual.

O primeiro uso do conceito de avatar em um jogo de vídeo game ocorreu em 1986 no jogo chamado Habitat. E em 1992 apareceu pela primeira vez no filme Snow Crash do cineasta Neal Stephenson. Depois disso se consolidou como representação de um ciber-corpo. O avatar é um personagem criado no computador e colocado em tempo real junto à apresentação de uma cena, dando a impressão de que está interagindo com um ser humano na vida real.

Na EJA, os avatares foram produzidos com o aplicativo Voki, que é uma ferramenta pedagógica que permite criá-lo e disponibilizá-lo na web usando sua própria voz, também é possível fazer a digitação no computador do que o avatar vai falar, inclusive em língua estrangeira.

Apresentamos a seguir alguns avatares criados por alunos da turma EM3 no segundo semestre de 2012, com o tema:

Como você se vê ao final do curso da EJA?

Para ouvi-los clique no link abaixo das figuras.



Disponível no link: <<http://aplicacaoaja.pbworks.com/w/page/61952224/Vokis>>.

Mais avatares criados em 2013/1 disponíveis em:

<<http://aplicacaoaja.pbworks.com/w/page/65169481/NosComoConsumidoresTecnologia>>

Outros avatares criados em 2013/2 disponíveis em:

<http://aplicacaoaja.pbworks.com/w/page/68233535/personagens_20132>

VIDEOCLÍPE

Cíntia Cristina da Silva em seu site diz que os Beatles podem ter sido os pioneiros a mesclar cinema e música nas apresentações, constituindo-se os precursores do uso dos videoclipes. Afirmar ela: “o diretor Richard Lester pode ser considerado o ‘paizão dos videoclipes’ pelo tratamento cinematográfico bem maluco que preparou como pano de fundo para as canções presentes nos filmes *A Hard Day’s Night* (1964) e *Help!* (1965)”.





Mas foi só a partir de 1981, com o surgimento da Music TeleVision (MTV), que ocorreu a grande explosão das músicas com imagens, isto é, os videoclipes. Inicialmente poucos tinham

ideias para ilustrar as canções, mas em seguida foi sendo criada uma estética própria para este tipo de produto, que incluía “imagens em ritmo alucinante que tentavam contar uma história em poucos minutos” (SILVA).

A partir da ampliação do uso dos aparelhos celulares com câmeras e da facilidade de acesso aos aplicativos e recursos necessários para realizar as filmagens, foi possível desenvolver um trabalho na escola com videoclipes. A proposta reúne os alunos da turma EM3, que são os do último semestre, é feito em grupos com os professores e bolsistas do projeto de pesquisa Cultura Digital e EJA: uma relação a construir.

Apresentamos alguns dos trabalhos feitos pelos alunos, que os desenvolvem de forma autônoma e criativa com o objetivo de favorecer a autoria. Abaixo das imagens tem um link que vai direcionar para o local onde estão os videoclipes. Basta clicar sobre o link.

Turma EJA EM3 de 2015/2 - Produções de Vídeos

<p>Música "É Fake", por Henrique e Juliano</p>  <p>Fake</p>	<p>Música "Vou Te Excluir do Meu Orkut", por Ewerton Assunção</p>  <p>ORKUT</p>
<p>Música "Pela Internet", por Gilberto Gil</p>  <p>Pela Internet</p>	<p>Música "Admirável Chip Novo", pela Pitty</p>  <p>Pitty</p>

Videoclipes disponíveis em:

<http://aplicacaoaja.pbworks.com/w/page/108325759/V%C3%ADdeo%3A%20Produ%C3%A7%C3%B5es%20dos%20Alunos>.

REFERÊNCIAS

A NOVELA - fotonovela - telenovela - radionovela. Disponível em: <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/01/03/a-novela-fotonovela-telenovela-radionovela/>> Acesso em: 12 jan 2017.

AVATAR. Significados BR. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/avatar>. Acesso em: 8 de fev 2017.

BERALDO, Alda. *Trabalhando com Poesia*. São Paulo: Ática, 1990.

CAMARA, Tatiana Nunes de Lima. *A charge na sala de aula: uma perspectiva intertextual de linguagens*. Data da Defesa: 30/03/2005. Orientador: Maria Teresa Gonçalves Pereira (Doutora, UFRJ, 1990) Banca: Helênio Fonseca de Oliveira (Doutor, UFRJ, 1989) .Luci Ruas Pereira (Doutor, UFRJ, 1994). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, xxxx. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/12/02.htm>> Acesso em 19 jan 2017.

CAMARGO, Thanisa. A importância da poesia na formação do leitor. INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 3, Edição número 20, de Outubro, 2014/Março, 2015 - p. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n20/artigos/2.pdf> Acesso em 12 jan 2017.

GUEDES, Paulo. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. Parábola Editorial: São Paulo (SP), 2014.

HQ. EJA Colégio de Aplicação. Disponível em:

<http://aplicacaoeja.pbworks.com/w/page/84311146/Hist%C3%B3ria%20em%20Quadrinhos>. Acesso em 6 fev 2016.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Poesia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia>> Acesso em 16 jan 2017.

PRIMEIRA RADIONOVELA do Brasil. Disponível em: <[http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0XXE/Primeira Radionovela Do Brasil](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0XXE/Primeira_Radionovela_Do_Brasil)> Acesso em: 12 jan 2017.

RAMOS, Paulo. *A leitura oculta: processos de produção de sentido em histórias em quadrinhos*. IN: BUNZEN, Clecio. MENDONÇA, Márcia. *Múltiplas Linguagens para o ensino Médio*. (org.). São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Vanessa. *A produção textual na escola: eu escrevo, tu escreves, ele escreve... como?* In: III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino/ I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade. UESC/ Ilhéus – Bahia. Maio de 2008. Disponível em <<http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/vanessacerqueira.pdf>>. Acesso em: 16 jan 2017.

SILVA, Cíntia Cristina da. Qual foi o primeiro videoclipe da história? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/cinema-e-tv/qual-foi-o-primeiro-videoclipe-da-historia/>>. Acesso em 8 fev 2017.

SOUZA, Loide Nascimento de. *O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato*. 2004. 259 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99160>>. Acesso em 12 jan 2017.

4. O CAMINHO PARA O AUTOCONHECIMENTO

Cátia Gabrieli Fernandes Fagundes Ibias¹⁶
Mônica Langoni¹⁷
Vitor Carneiro Marinho Prado¹⁸

Este capítulo relata algumas das vivências de alunos da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS nos últimos três anos. Para registrar as experiências escolhemos dois gêneros de textos: entrevistas e memórias. Cada um desses gêneros tem características próprias e distintas, por isso o dividimos em duas sessões, as quais serão caracterizadas separadamente e exemplificadas com textos dos gêneros específicos.

1ª SESSÃO

As entrevistas são comumente encontradas em jornais, revistas e outras mídias cuja função da mensagem é unicamente informar sem fazer juízos de valor. Por isso, para a confecção de uma entrevista seguimos uma lógica previamente estabelecida pelo entrevistador, que incluem a escolha do tema e a elaboração de um roteiro. Como esse gênero é pautado num discurso dialógico, a fidedignidade na transcrição do que foi dito é de fundamental importância, de maneira a evitar que falsas informações sejam difundidas.

Na atividade jornalística a entrevista está intrinsecamente relacionada com a confissão. Nesse sentido, segundo Foucault (1993), a milenar prática da confissão foi, com o desenvolvimento das sociedades, propagada e incrementada às atividades seculares deixando, pois, de ser uma prática unicamente religiosa. Assim, a transição da atividade confessional – antes eclesial – para uma instância laica, permitiu a produção, de forma mais eficiente, da verdade. Dessa forma, pode-se dizer, segundo a visão foucaultiana, que a confissão está, atualmente, presente nas mais diversas áreas do conhecimento – medicina; justiça; pedagogia; jornalismo – e ainda, está “tão profundamente incorporada a nós, que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage” (FOUCAULT, 1993, p. 59).

¹⁶ Aluna da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursa a turma EM3 (Ensino Médio - nível três). E-mail: ctia.ibias@gmail.com

¹⁷ Aluna da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS desde 2015/2, atualmente cursa a turma EM3 (Ensino Médio - nível três). E-mail: monica.langoni.ml@gamil.com

¹⁸ Graduando em Jornalismo/UFRGS desde 2016/2. Bolsista de Iniciação Científica da Profª Drª Juçara Benvenuti no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: vprado94@hotmail.com

Nesse sentido confessional, quando se trata de uma entrevista com um criminoso; ou alguma personalidade que tenha assumido certa visibilidade midiática por práticas injuriosas ou condenáveis pela sociedade – como personagens envolvidos em casos de corrupção – o jornalista faz uso da “neoconfissão” (MORIN, 2000). Essa prática é definida como o ato de imersão do entrevistador na intimidade do entrevistado. Nesse momento, a figura do jornalista confunde-se com a figura do juiz ou do policial no sentido de retirar a verdade daquele que está sendo questionado. Grandes órgãos da mídia já se utilizaram dessa prática para midiaticizar, em alta escala, algumas de suas pautas.

Um caso muito famoso, por exemplo, foi a matéria publicada pela revista Veja em agosto de 1998 sobre Francisco de Assis Pereira, também conhecido como o “Maníaco do Parque”. Nessa entrevista, a jornalista faz perguntas íntimas ao criminoso e consegue, por fim, retirar a confissão de que o indivíduo havia matado e estuprado nove mulheres.

Contudo, apesar de grande parte das entrevistas possuírem esse cunho confessional e investigativo, outras abordam temas do cotidiano com o intuito de divulgar práticas comuns relacionadas ao trabalho, educação, música, esporte, entre outros. Nesse sentido, as entrevistas realizadas nesse capítulo possuem a finalidade de divulgar a visão dos alunos sobre as atividades desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS.

A seguinte entrevista foi realizada por Vítor Carneiro Marinho Prado - Bolsista de Iniciação Científica e estudante de jornalismo na UFRGS. O entrevistado, aluno da turma EM3, Geverton Bittencourt dos Santos é digitador e possui vinte e dois anos. A entrevista foi realizada no Colégio de Aplicação com o objetivo, assim como as outras, de entender como os alunos enxergam a Educação de Jovens e Adultos, e ainda como avaliam o próprio lugar em que estudam.

Vítor: Então, Geverton, Quais foram as suas experiências mais significativas durante o curso da EJA?

Geverton: Ah, a redação me chamou mais a atenção, pois representou uma solução bacana na minha escrita e me levou a pensar.

Vítor: Entendi, e quais foram os maiores desafios da EJA para você?

Geverton: Voltar a estudar. Na verdade, encontrar a motivação para estudar é também um grande desafio sabe?

Vítor: Sim, posso imaginar, e havia atividades para além da sala de aula?

Geverton: Aham, aos sábados a gente joga futebol no colégio.

Vítor: E o que, em sua opinião, é necessário para ser bom estudante da EJA?

Geverton: Olha, ser focado e ter paciência para vir estudar de noite, além de ter força de vontade. A EJA do colégio de aplicação foi capaz de despertar em você algum novo interesse?

Vítor: A EJA do colégio de aplicação foi capaz de despertar em você algum novo interesse? Qual?

Geverton: Sim, com certeza, Matemática. Por isso acabei me interessando pela área da contabilidade.

Vítor: E você pretende continuar os estudos depois da formatura?

Geverton: Sim, pretendo fazer técnico de contabilidade.

Vítor: Ahh, então pretende mudar de profissão depois de concluir seus estudos na EJA?

Geverton: Sim, procuro outra profissão pelo desafio que isso representa e para dar uma condição melhor para a minha família, entende?

Vítor: A EJA motivou você a prestar o vestibular?

Geverton: Sim, com certeza, tanto os professores como os amigos e a família me estimularam a prestar o vestibular, além disso, a busca pelo conhecimento é uma motivação.

Vítor: E por que escolheu o Colégio de Aplicação?

Geverton: Na verdade não escolhi, minha chefe viu o edital e me inscreveu

Vítor: Entendi, e o que significava a educação na sua vida antes da EJA? E o que ela significa agora?

Geverton: Na verdade eu pensava na educação só como Ensino Médio. Hoje já penso que a faculdade não me basta, mas que temos que continuar estudando sempre.

Vítor: Possui alguma sugestão para a melhoria do ensino no Colégio de Aplicação?

Geverton: O colégio precisa melhorar sua iluminação, fora isso, não tem muito que mudar.

Na continuação das entrevistas temos a seguir a entrevista que foi realizada por Mônica Langoni, auxiliar administrativa da UFRGS, aluna da turma EM3. O entrevistado, por sua vez,

foi Wilson Ignácio de 60 anos, aposentado, divorciado e pai de quatro filhos. Wilson está na turma EM2 do CAP e reside em Porto Alegre no Bairro Santo Onofre.

Mônica: Quais foram as suas experiências mais significativas durante o curso da EJA?

Wilson: Conhecer novas pessoas e também aprender matérias novas como Filosofia e Música.

Mônica: Quais foram os maiores desafios da EJA para você?

Wilson: Estar há mais de 30 anos sem estudar e ter que recomeçar.

Mônica: Há atividades para além de sala de aula? Quais você faz?

Mônica: Quais foram as atividades desenvolvidas no colégio de aplicação que você mais se interessou?

Wilson: Na verdade, achei todas as atividades interessantes.

Wilson: Sim, tem outras tarefas além da sala de aula como teatro, música e informática, faço todas elas.

Mônica: O que, na sua opinião, é necessário para ser bom estudante da EJA?

Wilson: Interesse e vontade de aprender.

Mônica: Você pretende continuar os estudos depois da formatura?

Wilson: Ainda não me decidi.

Mônica: Pretende mudar de profissão depois da EJA?

Wilson: Já sou aposentado.

Mônica: A EJA motivou você a prestar o vestibular?

Wilson: Sim, motivou.

Mônica: Por que escolheu o Colégio de Aplicação?

Wilson: Por ser perto da minha casa e ser um colégio com bom conceito.

Mônica: Possui alguma sugestão para a melhoria do ensino no Colégio de Aplicação?

Wilson: Em minha opinião, o ensino é muito bom.

Mônica: Você indicaria o Colégio de Aplicação para alguém?

Wilson: Sim, com certeza.

A próxima entrevista que apresentamos foi realizada por Catia Ibias que trabalha como cabeleireira, faz um curso técnico de Estética e Cosmética, além de frequentar a turma EM3 do Colégio de Aplicação. A pessoa entrevistada é Rosa Regina da turma EM1, a qual tem atualmente 42 anos de idade.

Catia: Qual a sua matéria predileta?

Rosa: Geografia, pois gosto de aprender sobre os mapas.

Catia: Quais foram as suas experiências mais significativas durante a EJA?

Rosa: São todas boas experiências.

Catia: Quais foram os maiores desafios do EJA para você?

Rosa: Superar minhas dificuldades no aprendizado.

Catia: Quão difícil foi, em sua opinião, conciliar os estudos na EJA com as suas outras obrigações diárias?

Rosa: O período entre o horário de trabalho e o início da aula é o momento mais difícil, pois ficava extremamente cansada.

Catia: Há atividades para além de sala de aula? Quais você faz?

Rosa: Até o momento participei apenas de duas palestras.

Catia: O que, na sua opinião, é necessário para ser bom estudante da EJA?

Rosa: Ser esforçado, participativo e fazer todos os trabalhos.

Catia: Você pretende continuar os estudos depois da formatura?

Rosa: Sim, pretendo fazer outro curso.

Catia: Pretende mudar de profissão depois da EJA?

Rosa: Sim, quero ser nutricionista.

Catia: A EJA motivou você a prestar o vestibular?

Rosa: Sim.

Catia: Por que escolheu o Colégio de Aplicação?

Rosa: Descobri através de uma amiga, ela me incentivou.

Catia: Possui alguma sugestão para a melhoria do ensino no Colégio de Aplicação?

Rosa: Por mim, está perfeito, pois os professores são dedicados conosco e também temos os bolsistas que nos ajudam muito.

2ª SESSÃO

A segunda sessão deste capítulo inclui o gênero textual conhecido como memórias. As memórias apresentam uma narrativa das lembranças de determinado autor, que ao recuperar suas vivências, procura verbalizá-las por meio de uma linguagem especial, que amplia certos fatos, ameniza outros, destaca eventos que se tornaram especialmente significativos para sua vida.

Dessa maneira, a linguagem que assume um caráter literário apresenta figuras de linguagem, sentido figurado e outras estratégias argumentativas com a função de oferecer expressividade na narrativa. Além disso, por se tratar de fatos acontecidos no passado do autor, que se torna narrador e personagem ao mesmo tempo, os verbos são usados predominantemente no passado na construção frasal. Esta riqueza de características permite a realização de ótimos trabalhos com este gênero textual e literário.

Além disso, se torna fácil desenvolver uma relação de empatia entre os leitores com os textos escritos através das experiências que podem ser vivenciadas nas leituras dos textos memorialistas. Podemos recorrer a grandes nomes da literatura para ler memórias, como Gabriel Garcia Marques e Zélia Gattai, só para citar dois dos mais recentes. Partir dos bons exemplos reconhecidos pela literatura universal é um dos caminhos para motivar alunos da EJA a se tornarem memorialistas também, já que todo ser humano tem em si a vontade de contar ou narrar uma história.

A seguir apresentamos alguns textos memorialistas de alunos da EJA, escritos em aulas de Língua Portuguesa, como parte de um portfólio de tarefas semestrais. São os autores: Maria Gonçalves dos Santos, com o texto *Meu Despertar*, escrito em agosto de 2016; Maria Suely Fernandes, com *Minha Benção*, escrito em setembro de 2015; Cristiane dos Santos Gules, com *Minha Vida*, de agosto de 2016; Ariadne de Almeida Nuryz, com *Apenas o Início*, escrito em agosto de 2016.

Meu despertar

Eu me chamo Maria Gonçalves dos Santos. Nasci em Torres/RS, no dia 4 de Dezembro de 1953, portanto tenho 63 anos. Sou filha de José e Almedorina e ambos moram em Torres. Na verdade, só meu pai, pois minha mãe faleceu em novembro do ano passado, com 89 anos, que é a idade atual do meu pai. Tive 16 irmãos, mas só dez estão vivos. Estudei até os 9 anos de idade lá no interior de Torres. Passei para a quarta série, gostava muito de estudar. Gostava não, adoro estudar!

O fato é que não tive a oportunidade de continuar estudando, pois me tiraram a chance quando criança. Tive que trabalhar, desde muito nova, para ajudar meus irmãos, pois era a mais velha de todos. Dessa forma, com 9 anos, saí de casa e vim para Porto Alegre, trabalhei sempre em casa de família. Com 20 anos me casei, tive dois filhos, que estão hoje com 41 e 37 anos.

Por fim, lembro de que, quando criança, gostava de jogar futebol, bocha, baralho, amarelinha e pular corda. Eu fazia tudo isso com meus irmãos enquanto estava em casa. Nessa época, Minha música preferida era “estrada da vida” de Milionário e José Rico, pois meus pais gostavam de ouvir e eu de dançar.

Minha Benção

Meu nome é Maria Suely Fernandes, sou natural de Imbituba/SC, onde nasci e vivi até meus 8 anos. Estudei até a segunda série nesta cidade e tive uma infância maravilhosa, de muito amor e carinho. Lembro-me que minha mãe cantava para mim e minhas irmãs a canção: “mãezinha do céu”. Contudo, já com 9 anos de idade, eu; meus pais e minhas irmãs viemos para Porto Alegre. Aqui estudei até a sexta série e resolvi que tinha que trabalhar para ajudar meus pais e ter meu próprio dinheiro.

Portanto, comecei, com 13 anos de idade, a trabalhar no Shopping Iguatemi. Vendia chocolate de Gramado e neste meio tempo, já com dezesseis anos, conheci meu marido. Ele se chama Bruno e já possuía um filho, que àquela época, tinha 4 anos e hoje o considero como meu filho, o amor da minha vida. Meu Marido e eu gostávamos muito de uma música que, na época, era cantada por Zélia Duncan e Leandro, irmão do cantor Leonardo. Até nominamos essa música de “nossa”. Logo tivemos uma filha que se chama Djulian. Ganhei-a com 18 anos. Eu e meu marido já estamos juntos há 22 anos e temos um casal de filhos.

Por fim, saí do Iguatemi e fui trabalhar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lá fiquei até este ano. Também fiz a EJA lá e terminei meu primeiro ano. Hoje sou uma pessoa

muito feliz dentro e fora de casa. Estou amando poder voltar a estudar, afinal possuo apoio da minha família em geral, por isso me sinto muito abençoada.

Minha Vida

Meu nome é Cristiane dos Santos Gules, nasci no dia oito de setembro de 1970 na cidade de Viamão. Meu pai se chama Egídio e minha mãe Maria, tenho um irmão chamado Luciano. Todos morávamos juntos na mesma casa, contudo, hoje moro com meu marido e meus três filhos em Viamão. Na minha infância tive muitas brincadeiras, amigos e amigas. Numa época que se podia correr e brincar pela rua até tarde sem perigo. Assim, brincávamos de correr, pega-pega, esconder e amarelinha. Naquele tempo, ouvia muitas músicas da Xuxa o que era uma grande diversão, porque fazíamos todas as coreografias.

Na minha adolescência eu adorava ir ao CTG, de forma que todos os finais de semana estava lá. As músicas que ouvia, eram dos grupos da época, que agora não me lembro de nenhum. Nesta mesma época comecei a namorar meu atual marido e nos casamos.

Hoje voltei a estudar e estou maravilhada com os estudos, não imaginava que seria tão bom assim. Atualmente, Trabalho na portaria do prédio "O" da física, o meu trabalho é bem legal e no momento estou de férias. Por fim, comecei a estudar para ter melhores condições para fazer o ensino médio, e já estou em uma faculdade, coisa que quando entrei nem pensava. Meu futuro é fazer uma faculdade de fisioterapia, graças ao PI que me proporcionou ter essa ideia. Se não estivesse estudando eu estaria somente trabalhando e sem nenhuma visão de futuro. Mas agora tudo mudou e vai ser tudo diferente com uma faculdade pela frente.

Apenas o Início

Chamo-me Ariadne de Almeida Nuryz, nasci na cidade de Santo Ângelo no dia 12 de janeiro de 1989. Porém, Não considero-me missioneira, pois eu apenas nasci na terra das missões, antes mesmo de eu completar um ano de idade nos mudamos para a cidade de Cachoeirinha.

Sou filha de Lara de Almeida e Omar Nuryz, por uma diferença de quatro anos, sou irmã mais nova de Romário de Almeida Nuryz. Meu pai foi quem escolheu o meu nome depois de ler a mitologia do Minotauro e o Fio de Ariadne, então ele decidiu que quando tivesse uma filha, esse seria seu nome. Meu pai faleceu quando eu tinha três anos de idade, ele aos 38 anos deixou esposa e dois filhos. Para mim, Foi e sempre será eternamente difícil lidar com a morte

do meu pai. Minha infância, depois disso, foi baseada em mudanças de cidade, mudanças de colégio, e os laços que eu tentava criar eram sempre rompidos por mais outra mudança.

Foi na cidade de Sapucaia do Sul com os meus recém-completados 17 anos de idade que eu conheci e logo engravidei do pai do meu filho. Não posso dizer que isso tenha sido uma benção, ou que tenha sido maravilhoso como muitos costumam dizer, engravidar tão nova de uma pessoa que conhecia há pouco tempo, não foi a melhor coisa da minha vida. O Vitor nasceu dois dias antes de eu comemorar minha maioridade. Eu era mãe, dona de casa e esposa, não tinha tempo para ir ao colégio, pois estava ocupada demais com duas outras vidas que não eram a minha. Meu ex-marido trabalhava a noite e estudava e descansava durante o dia, e eu? Eu era mãe!

Aos 21 anos eu me separei, totalmente perdida e sem saber por onde recomeçar minha vida, voltar a estudar depois de todo esse tempo era minha última opção. Com filho pequeno, aluguel, água, luz, comida e um ex-marido inconformado e vingativo, não me restava outra escolha a não ser ir à luta. Neste, como em centenas de milhares de outros momentos, pensei em como seria diferente se meu pai estivesse aqui comigo.

Quando o Vitor completou cinco anos de idade, decidi que estava na hora de eu tentar me restabelecer, mudei para Juiz de Fora / MG, em busca de vida nova, foram os longos três meses, os mais agoniantes da minha vida. Voltei para o sul prometendo a mim mesma não ficar tão longe assim. Tentei voltar a estudar inúmeras vezes, mas era sempre tão chato e repetitivo que eu acabava desistindo e voltava a focar só no trabalho, tentando sobreviver com um salário inferior às minhas responsabilidades.

Hoje meu filho tem nove anos de idade e mora com o pai em Sapucaia do Sul. Eu, depois de muito me mudar de cidade em cidade, conheci meu atual namorado em Canela, no dia 21 de novembro de 2015, em um show de rock de uma banda cover do System of a Down. Foi só no final da noite que fui perceber que ele era irmão da minha amiga. No dia 18 de janeiro de 2016 eu me mudei para Porto Alegre, onde moro com meu namorado Renan Boherer da Silva, o que era para se apenas um mês até eu alugar algo próximo se tornou fixo quando decidimos namorar no dia 23 de fevereiro.

Agora sim posso dizer que vivo meu melhor momento, trabalho como operadora de telemarketing durante 6 horas por dia, terminei o ensino fundamental no colégio universitário e atualmente estudo no Colégio de Aplicação da UFRGS onde faço o primeiro ano do ensino médio. Quero me formar professora de Biologia com pós em Geologia. Agora pretendo estudar sempre e quero passar isso tudo ao meu filho.

Devo muito disso ao Renan, que inconscientemente me incentiva todos os dias a ser uma pessoa melhor.

Para completar a 2ª Sessão, apresentamos a seguir o texto memorialista do Professor Vanderlei Machado, que atualmente leciona a disciplina de História na Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS. Além de orientador de estagiários de docência, de bolsistas de Iniciação Científica, alunos das graduações da UFRGS, o professor desenvolve pesquisa na área dos direitos humanos.

Como me tornei um professor da Educação de Jovens e Adultos

Minha história com a Educação de Jovens e Adultos iniciou em março de 1994. Naquela data tinha terminado o meu contrato como professor na rede estadual de Santa Catarina. Foi no mesmo ano que comecei a lecionar num colégio supletivo - Mega Gênios Atividades Educacionais -, em Florianópolis. O que eu conhecia sobre supletivo, até então, se resumia à propaganda negativa de um colégio de nome CEPU.

Na capital catarinense, em tom jocoso, corria o dito popular segundo o qual quem reprovasse no CEPU ganhava um Fusca. O Colégio Gênios era novo no mercado e procurava se distanciar da fama do concorrente. Eu dava aulas de História para várias turmas do Ensino Médio e do Fundamental. A coordenação da escola cobrava os planos de ensino e o material pedagógico. Os alunos não tinham livros didáticos e a escola oferecia textos produzidos/reproduzidos por nós professores. Eram, geralmente, resumos e textos fotocopiados de livros didáticos. Estes eram lidos e discutidos em conjunto, durante as aulas.

A avaliação valorizava a memorização, com algumas questões de assinalar. A escola, nos anos seguintes, foi ganhando credibilidade e ampliou as séries atendidas. Logo, trabalhávamos em dois prédios localizados em pontos diferentes do centro da cidade. No intervalo, pegávamos nossos materiais e corríamos para dar o quarto e o quinto período no outro prédio. Deveria ser engraçada a cena para quem me via andando rápido com as mãos cheias de folhas e livros.

Lecionei no Colégio Gênios até agosto de 1997, quando passei a receber uma bolsa do CNPq, para cursar o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1999 fui aprovado num concurso para professor efetivo do Colégio de Aplicação da UFSC. Em 2007 me transferi para o Colégio de Aplicação da UFRGS.

Em 2013, após retornar de um estágio de pós-doutorado, assumi as turmas EM1, EM2 e EM3 (Ensino Médio) da Educação de Jovens e Adultos do CAp da UFRGS. Nesse processo, o contato com jovens e adultos das turmas da EJA representou uma nova etapa na minha experiência de professor, ainda que eu já tivesse alguma familiaridade com esse público.

Em 2008, época em que exerci a chefia do Departamento de Humanidades, participei ativamente da elaboração de um projeto pedagógico visando adotar no CAp este campo da educação. Esta atividade foi realizada em conjunto com os demais chefes de departamentos e com a coordenação da Comissão de Ensino, COMEN. A EJA já tinha um histórico em nossa escola, anterior à minha transferência, com as denominações de PEMJAT e PROEJA. Foi com base nos documentos e registros relativos a essas experiências que elaboramos um novo projeto, que foi apresentado ao então Pró-Reitor de Ensino, professor Carlos Alexandre Neto, que posteriormente foi Reitor da UFRGS por dois mandatos. O Projeto foi aprovado e instalado no CAp. Em nossa escola, contamos com uma colega – a professora - Juçara Benvenuti, que é uma grande pesquisadora no campo da Educação de Jovens e Adultos, inclusive com livros publicados. Além de ler os seus trabalhos, tenho tido o privilégio de atuar e aprender com essa grande educadora, no meu dia-a-dia.

Após estudar os documentos oficiais que orientam as bases curriculares da Educação de Jovens e Adultos, optei por trabalhar com as turmas de EJA, principalmente, a História do Brasil, que ficou assim distribuída: Brasil Colônia, na EM1, Brasil Império, na EM2, e Brasil República, na EM3. Na EF3 (Ensino Fundamental), trabalhamos História do Rio Grande do Sul.

A partir desses recortes temporais procuro, juntamente com os estagiários e professores de Educação Continuada, produzir metodologias de ensino que sejam atraentes para o público de jovens e adultos, que facilitem a aprendizagem dos conteúdos estudados e que favoreçam o desenvolvimento das habilidades da escrita e da leitura. A EJA do Colégio de Aplicação não adota livros didáticos, apesar do Programa do Livro Didático do Governo Federal prever esta possibilidade. Os textos e atividades desenvolvidas em sala de aula são produzidos por mim e pelos meus orientandos de iniciação científica, estagiários, monitores e professores de Educação Continuada.

As disciplinas da EJA no Aplicação são ministradas por blocos. Toda terça-feira são ministradas aulas do bloco de Humanidades (História, Filosofia, Geografia e Sociologia). Esta forma de organização visa favorecer as atividades multidisciplinares. A noite de terça-feira é dividida em dois períodos. Numa semana, as turmas EM1 e EM2 têm aulas de História e Geografia e os da EM3 estudam Sociologia e Filosofia. Na semana seguinte, se invertem as

turmas e disciplinas. O Ensino da EJA é semestral e em um ano e meio o estudante pode se formar no Ensino Médio.

Além dos horários de cada disciplina, que totalizam quatro períodos semanais, a EJA conta ainda com as disciplinas de Iniciação Científica e Oficinas. Na Iniciação Científica, a metodologia empregada é muito parecida com o que acontece no Ensino Médio, e descrita anteriormente, onde um professor orienta um grupo de alunos. O objetivo da Iniciação Científica, que a partir de 2014 passou a se denominar Projeto de Investigação, é possibilitar que os alunos desenvolvam a construção do conhecimento de forma autônoma. É muito gratificante para mim, enquanto professor, ver um senhor ou uma senhora com mais de 60 anos, por exemplo, buscando aprofundar um assunto do seu interesse e dar os primeiros passos no uso da informática e da Internet. No final do semestre os alunos, apresentam seus trabalhos para uma banca e na presença de seus colegas.

Nas Oficinas a ideia é trazer para os estudantes conteúdos não trabalhados pelas disciplinas e, sempre que possível, com base nos interesses dos estudantes. Em alguns momentos, convidamos palestrantes externos para realizarem atividades com as turmas. Tanto a Iniciação Científica quanto as Oficinas são ministradas por todos os professores da EJA, perfazendo uma carga horária de quatro períodos semanais.

Para dar um exemplo, cito a oficina elaborada por mim e pela professora Juçara Benvenuti intitulada “O Prazer da Leitura”. Com esta atividade, buscamos que os/as educandos/as conheçam diferentes gêneros literários; aperfeiçoem a compreensão leitora e ampliem o repertório literário através do conhecimento de diferentes gêneros textuais, autores e ilustradores, transformando a leitura em fonte de prazer e conhecimento. Durante a oficina realizamos uma exposição sobre a biografia dos/as autores/as e, após a leitura, os/as estudantes apresentam suas impressões sobre o texto lido. As discussões envolveram bastante os/as estudantes. Esta atividade foi desenvolvida durante o primeiro semestre de 2016. Pretendemos apresentar alguns resultados dessa oficina em cursos de Formação de Professores e eventos nacionais e regionais.

Ao lecionar para as turmas EM3, temas de História do Brasil República, passei a ter a oportunidade de utilizar em minhas aulas as leituras e reflexões desenvolvidas nos projetos de pesquisa e de extensão que coordeno ou dos quais participo. A partir da minha inserção no Programa de Educação Patrimonial UFRGS/APERS, tenho buscado desenvolver com os/as estudantes da turma de terceiro ano da EJA, desde o segundo semestre de 2013, algumas atividades pedagógicas que acontecem no interior do Arquivo Público do Estado do Rio Grande

do Sul (APERS). Trata-se da oficina intitulada “Resistência em Arquivo: Ditadura e Direitos Humanos”, a qual eu ajudei a montar, ao lado de professores do Departamento de História da UFRGS, de alunos de graduação e de pós-graduação da mesma universidade e de técnicos do Arquivo. Infelizmente, no ano de 2016 não conseguimos levar nossos alunos para participar da oficina no APERS por questões operacionais resultantes da dificuldade de abrir o arquivo no turno da noite.

Com os/as meus/minhas orientando/as de PI tenho buscado desenvolver, junto com a professora Rúbia Vogt, temas de pesquisa ligados aos Direitos Humanos. Ao trabalhar com essa temática na Educação de Jovens e Adultos estamos buscando desenvolver uma cultura dos Direitos Humanos que “penetre todas as práticas sociais e seja capaz de favorecer processos de democratização, de articular a afirmação dos direitos fundamentais de cada pessoa e grupo sociocultural, de modo especial os direitos sociais e econômicos, com o reconhecimento dos direitos à diferença” (CANDAU, 2016). A bolsista de extensão, Roberta Franz, elaborou um blog para que os estudantes tenham acesso facilitado a um conjunto de documentos e de referências bibliográficas relacionados com os Direitos Humanos.



Turma de alunos da EJA com o professor Vanderlei Machado e professora Rúbia Vogt em aula de Projeto de Investigação (PI) . Fonte: arquivo pessoal do professor.

Minha experiência com a Educação de Jovens e Adultos tem sido extremamente gratificante. Nossa Equipe de Professoras/es a cada ano que passa vem se especializando

mais e a EJA do Colégio de Aplicação da UFRGS tem se transformando num espaço de pesquisa e divulgação de conhecimentos.

Concluimos este capítulo em que apresentamos dois gêneros textuais, contendo na primeira sessão três entrevistas e na segunda, quatro memórias literárias de alunas do Colégio e um texto memorialista de um professor. Cada um dos textos apresentados tem características individuais, que são atribuídas por seus autores o que garante sua qualidade e literariedade. Por outro lado, os textos também podem ser agrupados, segundo características que os aproximam, constituindo os gêneros, através dos seus aspectos essenciais como se pode ver pelo uso dos recursos linguísticos ou pela apresentação do texto, entre outras particularidades.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Verma Maria. Educação em direitos humanos: desafios atuais In. III A CONFIGURAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/23_cap_3_artigo_01.pdf>. Acesso em 12 dez 2016.

DISCUTINDO DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA. Blog. Disponível em: <<http://direitoshumanosemsaladeaula.wordpress.com>>. Acesso em 12 dez 2016.

FOUCAULT, M.(1976). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

MORIN, E. *Sociologia*. Madrid: Tecnos, 2000.

CONCLUSÃO

Fábio de Oliveira Félix¹⁹
Vitor Carneiro Marinho Prado²⁰

A construção deste e-book teve vários objetivos, entre eles: estimular a autoria dos alunos e trabalhar diferentes gêneros textuais por meio do Projeto de Investigação, que é uma das disciplinas do Colégio de Aplicação; apresentar a produção dos alunos do CAp realizadas na EJA; informar àqueles interessados no tema como se dá a dinâmica da EJA – com enfoque no curso oferecido pelo CAp da UFRGS.

Dessa maneira, o primeiro capítulo – Uma luta histórica – traça um percurso histórico acerca da Educação de Jovens e Adultos no Brasil sob a forma de um ensaio. O objetivo do capítulo é contextualizar o tema numa instância nacional e divulgar a história da EJA no Brasil. Analisa-se o ensino desde a chegada dos Jesuítas (1549) no Brasil Colônia até os dias atuais. Discutem-se, desta forma, até mesmo algumas diretrizes, leis, resoluções e decretos implantados em torno dessa modalidade de ensino, bem como aquelas que não chegaram a ser colocadas em prática.

O segundo capítulo – A construção da EJA no Colégio de Aplicação da UFRGS – trata, essencialmente, dos projetos de Educação de Jovens e Adultos desenvolvidos no Colégio de Aplicação. A perspectiva analisada sob a forma de uma resenha é a da história dos dois projetos desenvolvidos entre os anos 2000 e 2008 e os dois em andamento no colégio a partir de 2008. Este capítulo, em confluência e sobreposição com o primeiro nos permite identificar semelhanças e diferenças entre os sistemas de ensino na EJA nacional e na EJA local.

O terceiro capítulo – Autoria na EJA – por sua vez, apresenta de forma mais direta as produções dos alunos da EJA no CAp. Dividido em duas sessões, primeiramente temos a apresentação das produções textuais – como fábulas, charges, redações escolares, poesias e HQ's – desses indivíduos e posteriormente as produções midiáticas que contemplam radionovelas, avatares, vídeos e QRCODE.

¹⁹ Aluno da turma EM3 da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da UFRGS segundo semestre de 2016. E-mail: fabiofelix.f.e.p@gmail.com

²⁰ Graduando em Jornalismo/UFRGS desde 2011/. Bolsista de Iniciação Científica da Profª Drª Juçara Benvenuti no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: vprado94@hotmail.com

Por fim, o quarto capítulo – O caminho para o autoconhecimento – possui o objetivo de nos apresentar, por meio de entrevistas, as impressões pessoais de três alunos da EJA acerca do ensino oferecido pelo CAp. Posteriormente, são apresentadas quatro memórias literárias de autoria de alunos do colégio de aplicação, e uma de um dos professores do colégio.

Agradecemos a leitura e nos colocamos à disposição para mais informações acerca da EJA do Colégio de Aplicação e da disciplina Projeto de Investigação apresentado neste livro. O contato pode ser feito via e-mails, destacados nos rodapés de cada um dos capítulos, os quais foram organizados, redigidos pelos alunos com apoio dos bolsistas das graduações da UFRGS e com a supervisão da professora da disciplina.

POSFÁCIO

Rúbia Vogt²¹

Após ler e aprender com o *e-book* elaborado pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos no Projeto de Investigação, coordenado pela Prof^a. Juçara Benvenuti (CAp/UFRGS), podemos traçar algumas reflexões sobre o projeto.

Vinculado às disciplinas de Língua Portuguesa e de Literatura, o *e-book* se constitui como um projeto interdisciplinar e aplicado. Tendo a língua como sua coluna vertebral, ele requer habilidades de diferentes áreas para dar conteúdo e forma ao livro. E, dá materialidade à língua ao colocá-la neste produto da pesquisa.

Outro aspecto que cumpre ressaltar é a positiva ousadia do projeto. Orientadora e orientados certamente aceitaram um convite para sair da famosa “zona de conforto”, pois se aventuraram por um formato que ainda não é do domínio de todos e que, para sua elaboração e confecção, requer saberes não tão usuais às metodologias mais corriqueiras da pesquisa escolar. Proposta ousada e nova, pois o *e-book* é, ainda, novidade para muitos, que não o (re)conhecem, não o utilizam, não o compreendem.

O “PI do *e-book*”, como ficou carinhosamente conhecido, fez de alunos pesquisadores, escritores e autores. Valoriza, assim, ao mesmo tempo, a EJA e as/os alunas/os da EJA, significando a aprendizagem dos alunos. Valoriza a EJA porque não a limita, não lhe restringe pesquisa, metodologias e produtos. Valoriza o aluno porque lhe permite investimento autoral e criativo. Os alunos deste PI saem engrandecidos por essa experiência de aprendizagem, pois ela os colocou como mentores, organizadores e autores de um livro, realização memorável para todos.

O Projeto de Investigação do *e-book* é, ainda, promotor dos princípios da Educação de Jovens e Adultos e valorizador destes princípios na EJA do CAp/UFRGS ao colocar a pesquisa como fundamento da formação do sujeito. Pesquisa a própria Educação de Jovens e Adultos, projeto em que os alunos estão inseridos, e contextualiza esta pesquisa na nossa EJA, cuja história é construída pelos professores, como alguns que contribuíram para com este *e-book* a partir de generoso convite, e pelos alunos, seja por parte dos colegas lembrados e colaboradores, seja por parte dos autores do *e-book*. Parabéns a todos!

²¹ Doutora, Mestre, Licenciada e Bacharela em Filosofia. Licenciada em Letras (Português-Alemão). Professora de Filosofia do CAp. E-mail: rubiavogt@yahoo.com